



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO NA SAÚDE
FACULDADE DE MEDICINA**

**DISCENTES DE ENFERMAGEM: FORMAÇÃO PARA O MERCADO DE
TRABALHO NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE**

HULDA ALVES DE ARAÚJO TENÓRIO

**MACEIÓ-AL
2017**

HULDA ALVES DE ARAÚJO TENÓRIO

**DISCENTES DE ENFERMAGEM: FORMAÇÃO ACADÊMICA PARA O MERCADO
DE TRABALHO NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE**

Trabalho Acadêmico de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde da Faculdade de Medicina -FAMED, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Ensino na Saúde.

Orientadora: Prof^a Dr.^a Divanise Suruagy Correia

**MACEIÓ-AL
2017**

HULDA ALVES DE ARAÚJO TENÓRIO

**DISCENTES DE ENFERMAGEM: FORMAÇÃO ACADÊMICA PARA O MERCADO
DE TRABALHO NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE**

Esta dissertação foi julgada para a obtenção do título de Mestre em Ensino na saúde pelo Mestrado Profissional em Ensino na Saúde na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas.

Maceió 15 de março de 2018

Professora Dra. Maria de Lourdes

Coordenadora do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde – FAMED/UFAL

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Margarete Cavalcante

Profa. Dra. Divanise Suruagy Correia

Profa. Dra. Clodis Maria Tavares

Aos meus Filhos Lorena Alves Tenório e Nereu Tenório da Silva Neto motivos pelo qual me levanto todos os dias na tentativa de ser e fazer algo melhor.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por tudo ter dado certo, pois minha fé está firmada no que ele é, meu socorro presente na angústia e na luta.

Aos meus amados filhos Lorena Alves e Nereu Neto por me fazerem sorrir e encontrar motivos para continuar essa jornada.

Aos meus pais Raquel Correia, Iran Chaves, Cristina Carnaúba e Nereu Tenório, por todo apoio e por segurarem minhas mãos e enxugarem minhas lágrimas quando precisei.

À minha irmã Raabe Alves, meu espelho, meu porto seguro, meu grande e eterno amor.

Ao meu cunhado Joel Alcântara que em silêncio demonstra seu amor.

Às minhas tias, aos meus tios e demais familiares pela torcida, apoio e amor ofertado.

Em especial, a minha amiga Alda Galdino, por ter ficado ao meu lado em todas as etapas deste sonho, sempre disponível e pronta a ajudar com todo zelo e amor.

À minha amiga Emily Souza pela amizade sincera, assim como ao meu amigo e irmão Gidelson Gabriel maior presente que o mestrado poderia me dar.

Luciana Viana, Thyara e Raissa Fernanda sem vocês isso também não seria possível, obrigada.

À minha coordenadora de Enfermagem e amiga Jirliane Martins por acreditar mais do que eu no meu potencial para a docência, você é um instrumento de Deus.

À minha orientadora Divanise Suruagy, um anjo que Deus colocou em minha vida e que nem sabe a dimensão do quanto cuidou de mim em momentos pessoais difíceis e que tantas vezes me fizeram pensar em desistir. Deus te abençoe minha eterna orientadora, competente, atenciosa e acima de tudo humana.

Às minhas professoras Clodis Maria e Margarete Cavalcante que tanto contribuíram com meu crescimento profissional e por sempre estarem dispostas a ajudar nessa minha conquista.

Amo vocês!

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher”.

Cora Coralina

RESUMO GERAL

A Constituição Federal de 1988 (CF/88) garantiu direito a saúde para todos os cidadãos brasileiros e diante desta realidade uma nova rede de atenção à saúde foi criada na tentativa de suprir as necessidades da população, bem como de intervir sobre determinantes e condicionantes que influenciam no estado de bem-estar físico, psíquico e social dos sujeitos. Nesta atual conjuntura, o modelo de saúde espera dos profissionais que nele atua, habilidades e competências que atendam ao Sistema Único de Saúde (SUS), compreendendo seus princípios e diretrizes, comprometendo-se com a defesa do mesmo. Tais pressupostos poderão ser desenvolvidos já nos centros formadores, a partir de resoluções, como as DCN/ENF (resolução nº 03 de novembro de 2001), elaboradas na perspectiva de subsidiar e orientar as Instituições de Ensino Superior (IES) em seus Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) no desenvolvimento de uma formação voltada para as reais necessidades do sistema de saúde. Assim, este trabalho teve como objetivo geral analisar a formação do discente de enfermagem para o mercado de trabalho no Sistema Único de Saúde. Trata-se de um estudo analítico, transversal e de abordagem quantitativa, realizado em 2016, com 150 graduandos de enfermagem de uma faculdade particular em Alagoas. Para isso, foi utilizado um questionário composto por 26 perguntas abertas e fechadas que versavam sobre o perfil sociodemográfico dos pesquisados, impressões dos sujeitos em relação ao curso, processo de ensino e aprendizagem, mercado de trabalho em enfermagem e saúde coletiva. Os dados foram coletados e tabulados em planilha eletrônica *Microsoft Excel*® e analisados em software aplicativo *Statistical Package for Social Science - SPSS*®, versão 20. Como resultados foram desenvolvidos dois artigos “Perspectivas da Formação Acadêmica de Discentes de Enfermagem para o Mercado de Trabalho no Sistema Único de Saúde” e “Gestão e Gerência de Enfermagem na Saúde Pública: perspectivas da capacidade de atuação do discente, além de um produto de intervenção o “*SUS*correndo: capacitando em primeiros-socorros no SUS”, cujo objetivo foi levar alunos dos primeiros períodos do curso de Enfermagem para os cenários do sistema público de saúde, onde esses pudessem desenvolver atividades de educação em saúde com a temática dos primeiros socorros. O novo modelo de atenção à saúde aumentou a diversidade dos serviços e da assistência ofertada à população, ampliando com isso os desafios propostos para obtenção da eficácia e qualidade desse cuidar. Dentre as dificuldades encontradas, pontua-se o processo de formação na busca de um novo perfil de profissionais na saúde baseados nas mudanças propostas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN). Os avanços já começaram, porém, os campos e cenários de atuação prática para formação discente, ainda são limitados, desfavorecendo o desenvolvimento de competências. Além disso, o novo perfil sociodemográfico dos discentes de Enfermagem deve ser um quesito observado pelas unidades formadores, pois aspectos relativos a este âmbito, parecem interferirem nas propostas de ensino e aprendizado.

Descritores: Mercado de Trabalho; Educação em Enfermagem; Sistema Único de Saúde.

GENERAL ABSTRACT

The Federal Constitution of 1988 (CF/88) guaranteed the right to health for all Brazilian citizens and facing this reality a new health care system was created in attempt to supply the needs of the population, as well as to intervene on determinants and constraints that influence physical, psychological and social well-being of people. Thus, the system expects professionals with ability and skills in accordance to the Unified Health System (SUS), comprehending its principles and guidelines and committing with its defense. These assumptions can be developed within training centers from resolutions, such as DCN/ENF (resolution nº 03, November 2001) elaborated aiming to subside and guide Higher Education Institutions (IES) regarding their Political Educational Projects (PPP) to develop qualification focused on the real needs of the health system. Thus, this study aims to analyze qualification of nursing students to the job market within the Unified Health System. It is an analytical, cross-sectional and quantitative approach study, conducted in 2016, with 150 nursing undergraduate students of a private institution in Alagoas. A questionnaire containing 26 objective and subjective questions concerning socio-demographic profile of subjects and their impression about the course, teaching and learning process, nursing job market and collective health. Data was collected, tabled into a *Microsoft Excel*® electronic spreadsheet, and analyzed via application software, *Statistical Package for Social Science - SPSS*®, version 20. As result, a couple of articles were developed: Perspectives of Academic Formation of Nursing Students to the Job Market within the Unified Health System and Nursing Management and Administration in Public Health: perspectives of the student's performance ability, besides of an intervention product: “*SUScorrendo*: first-aid training within the SUS”, which aim was to bring nursing students from the first semesters into public health system scenarios, where they could develop health education activities concerning first-aid. The new health care model increased diversity of services and assistance offered to the population, enhancing challenges in order to obtain care efficacy and quality. Among difficulties found, it is noteworthy the training process in order to achieve a new profile of health professionals based on the changes proposed by National Curricular Guidelines (DCN). Advances have started, although, practice fields and scenarios for students training are still limited, disfavoring development of skills. Besides, the new socio-demographic profile of nursing students should be an item observed by the training units, because aspects related to it seems to interfere in the teaching and learning proposals.

Keywords: Job Market; Nursing Training; Unified Health System.

LISTA DE TABELAS - ARTIGO 1

Tabela 1 – Dados sociodemográficos dos sujeitos pesquisados – Maceió (AL) 2016.....	24
Tabela 2 – Frequência de Expectativas em Relação ao Curso e sobre a Capacidade em Preparar para o Mercado de Trabalho – Maceió (AL) 2016.....	24
Tabela 3 - Frequência em ser Favorável a maior Vivência no SUS, entre Cursar Disciplina Eletiva de Saúde Coletiva e já ter Vivenciado alguma Experiência de Ensino no SUS - Maceió (AL) 2016.....	25
Tabela 4 - Associação entre Percepções sobre Mercado de Trabalho em Enfermagem e Saúde e Capacidade de Realizar Educação em Saúde - Maceió (AL) 2016	26
Tabela 5 - Associação entre as atividades preventivas e de promoção em saúde juntamente com outros profissionais de saúde - Maceió (AL) 2016	27
Tabela 6 - Associação entre Capacidade de Realizar Educação em Saúde em grupos populacionais e Período do Curso - Maceió (AL) 2016	28
Tabela 7 - Associação da Capacidade de Realizar Atividades Assistenciais voltadas para os cuidados de pacientes da Clínica Médica e Cirúrgica, com a Experiência de Ensino no SUS e a Percepção sobre Mercado de Trabalho, voltado para o SUS - Maceió (AL) 2016.....	29

LISTA DE TABELAS – ARTIGO 2

Tabela 1 – Dados referentes à caracterização dos sujeitos pesquisados - Maceió (AL) 2016.....	51
Tabela 2 - Frequência da capacidade do curso em preparar para o mercado de trabalho, com dedicação de 8h diárias de suas atividades laborais ao setor público - Maceió (AL) 2016.....	51
Tabela 3 - Frequência da expectativa de trabalho após a graduação - Maceió (AL) 2016.....	52
Tabela 4 - Capacidade de Realizar a Supervisão da Equipe de Enfermagem na Saúde Pública com o Período do Curso - Maceió (AL) 2016.....	52
Tabela 5 - Associação entre a Capacidade de Realizar Planejamento de Ações em Saúde Pública visando a Melhoria do Serviço e sua Relação aos Relacionamentos Interpessoais - Maceió (AL) 2016	53
Tabela 6 - Associação entre a capacidade de realizar reuniões administrativas com gestores, profissionais e usuários de saúde, para tratar de assuntos da saúde pública e a percepção sobre mercado de trabalho em enfermagem e sobre a saúde coletiva – Maceió (AL) – 2016.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACS	Agente Comunitário de Saúde
AL	Alagoas
APS	Atenção Primária à Saúde.
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNS	Conferência Nacional de Saúde
CES	Conselho Estadual de Saúde
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CF	Constituição Federal
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DCN/ENF	Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Enfermagem
DEA	Desfibrilador Externo Automático
EPS	Educação Popular em Saúde
ESF	Estratégia Saúde da Família
FIES	Programa de Financiamento Estudantil
IES	Instituições de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NASF	Núcleo de Apoio a Estratégia Saúde da Família
PCR	Parada Cardiorrespiratória
PES	Planejamento Estratégico em Saúde
PNH	Política Nacional de Humanização
PROUNI	Programa Universidade para Todos
REUNI	Programa de Apoio a Planos e Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

RSB	Reforma Sanitária Brasileira
SBV	Suporte Básico de Vida
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO GERAL.....	14
ARTIGO 1	
PERSPECTIVAS DA FORMAÇÃO ACADÊMICA DE DISCENTES DE ENFERMAGEM PARA O MERCADO DE TRABALHO NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE.....	17
1. INTRODUÇÃO.....	19
1.1 MÉTODOS.....	23
1.2 RESULTADOS	24
1.3 DISCUSSÃO	30
1.4 CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	40
ARTIGO 2	
GESTÃO E GERÊNCIA DE ENFERMAGEM NA SAÚDE PÚBLICA: PERSPECTIVA DA CAPACIDADE DE ATUAÇÃO DO DISCENTE	45
2. INTRODUÇÃO	47
2.1 MÉTODOS	50
2.2 RESULTADOS	51
2.3 DISCUSSÃO	55
2.4 CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS.....	63
3. PRODUTO.....	67
3.1 INTRODUÇÃO	67
3.2 PROCEDIMENTOS E MÉTODO.....	69
3.2.1 Tipo de projeto de Intervenção	69
3.2.2 Situação Problema.....	70
3.2.3 Movimento de parcerias Internas e Externas.....	70
3.2.4 Seleção e Capacitação dos Discentes.....	71
3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	71

3.3.1 Capacitação dos Alunos em Primeiros Socorros.....	71
3.3.2 Vivenciando o SUS: primeiros-socorros para a equipe de Consultório na Rua.....	73
3.4 CONCLUSÃO.....	78
REFERÊNCIAS	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS DO TRABALHO ACADÊMICO	81
REFERÊNCIAS GERAIS DO TRABALHO ACADÊMICO	83
APÊNDICE A – APOSTILA DE PRIMEIROS-SOCORROS	91
ANEXO A – QUESTIONÁRIO AUTOAPLICADO.....	95
ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DO CEP.....	98

APRESENTAÇÃO GERAL

Esta pesquisa foi desenvolvida no programa de pós-graduação Mestrado Profissional em Ensino na Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas e teve como objetivo analisar as perspectivas dos graduandos de enfermagem quanto sua formação para atuação no mercado de trabalho do SUS. O presente trabalho surgiu da necessidade de compreender e analisar como os alunos da graduação em Enfermagem se avaliam em termo de competências e habilidades profissionais futuras, e se percebem no mercado de trabalho do SUS, visto que, este setor ainda é o que mais emprega a categoria Enfermeiros no âmbito da saúde.

Visto as mudanças relacionadas às Diretrizes Nacionais Curriculares para a formação em Enfermagem (DCN/ENF) em 2001 e baseado no pressuposto de que cabe ao SUS deliberar as necessidades de seus recursos humanos, surgiu o interesse de analisar se tais mudanças propostas alcançaram os projetos políticos pedagógicos das Instituições de Ensino Superior (IES) sendo capaz de oferecer ao mercado de trabalho profissionais com competência técnico-científica e com potencial crítico e reflexivo, que transforme a realidade em que atuam a partir de um olhar holístico e integral, além do uso de uma criatividade que priorize uma atuação pautada nos princípios e diretrizes do SUS.

Durante os meus 12 anos de docência na Enfermagem, desde 2005, atuando no nível médio, de graduação e pós-graduação, foi possível observar pontos evolutivos e favoráveis no processo de Ensino e Aprendizagem, como o entendimento sobre a necessidade da congruência entre a teoria e sua íntima relação com a prática, bem como professores introduzindo diversas metodologias que diferiam das vigentes na época, em uma tentativa de melhorar a troca de conhecimento entre professor e aluno, que por vezes ficou inerte ao verticalismo docente. Porém, havia situações que pareciam interromper com a condição de aprimoramento e melhoria das relações entre docentes, discentes e instituições de ensino, um exemplo visto, eram as formações profissionais voltadas para o tecnicismo com ênfase nas especializações. Nesse contexto, as instituições de ensino ofereciam suas vagas e garantiam suas formações baseadas em conceitos teóricos e científicos pré-formulados, oriundos muitas vezes de locais regionalmente e culturalmente diferentes daqueles vivenciados por alunos do Nordeste, meu local de atuação.

Outro fator a se ressaltar é que a maior parte das referências bibliográficas utilizadas na área da Enfermagem vem de traduções internacionais, ou seja, de realidades que diferem daquilo que muitas vezes podíamos como docentes, experienciar com os alunos, ficando no campo do imaginário e das especulações os problemas e as intervenções pertinentes às realidades locais.

As DCN/ENF sugerem as IES que ajustem suas matrizes e de seus projetos pedagógicos, a partir da resolução que as regulamenta (Resolução nº 3 do dia 11 de novembro de 2001). A resolução em tela propõe Enfermeiros com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, e para isso, oferece orientações de como alcançar tal perfil. O propósito é de formar profissionais com competência e qualificação para o Exercício de Enfermagem com base no rigor científico e intelectual, porém alicerçado em princípios éticos. Esses profissionais deverão ser capazes de intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, porém com ênfase na sua região de atuação, identificando seus condicionantes e determinantes. Ainda, capacitado para atuar com responsabilidade social e compromisso com a cidadania (BRASIL, 2001).

No que se refere às instituições dos cursos de graduação em saúde, em específico os de Enfermagem, essa resolução orienta articular ensino, pesquisa, extensão e assistência, para garantir um aprendizado construído a partir de um perfil almejado pelo o SUS e pelas necessidades reais do contexto saúde, tendo autonomia local. Nas academias, os graduandos deverão desenvolver uma visão de educar para a cidadania e para a ética, sendo estimulados à dinâmicas de trabalho interdisciplinares, com atividades teórico-práticas desde o início do curso, permeando toda a formação do Enfermeiro. As metodologias no processo relacionadas com o processo de ensinar e aprender devem estimular o graduando a refletir sobre a realidade social, aprendendo a aprender (BRASIL, 2001).

Neste sentido, após 16 anos da criação das diretrizes e das sugestões para o direcionamento dos cursos na área de Enfermagem, ainda é possível perceber que alguns modelos pedagógicos, ainda parecem distantes do proposto pelas DCN/ENF. Neste sentido, os discentes da graduação em Enfermagem, na IES pesquisada, cursam matérias de base como: anatomia, fisiologia, bioquímica, imunologia e se deparam com matérias práticas, quando têm contato com os sujeitos ativos do contexto saúde, só a partir do 4º período na disciplina de Saúde Coletiva. Além disso, as práticas reducionistas e especializadas fazem parte do contexto das salas de aula nos discursos dos discentes que já referenciam maior dedicação na academia para áreas de atuação que pretendem exercer suas atividades laborais após a formação, por não compreenderem a visão generalista e totalitarista que propõe o SUS.

Outro fato importante, na atividade docente atual, foi que ao ministrar a disciplina de Saúde da Família de aplicação apenas teórica aos alunos do 3º período do curso, que tinha como eixos de conhecimento as temáticas pertinentes ao SUS, foi notória a "insatisfação" dos alunos sobre o conteúdo das legislações, princípios e diretrizes. Ainda, o comportamento de não

contentamento pelo sistema onde ao final da disciplina, os próprios estudantes ecoavam a bandeira levantada por grande massa de usuários do SUS “tudo é bonito no papel”.

De acordo com Dias et al. (2016) é possível ver os avanços quanto aos direitos à saúde proporcionados pelo SUS, porém maiores também são os desafios e eles emergem e demandam constantes movimentos de mudança no sentido de sanar essas dificuldades. Um dos principais obstáculos para a melhoria da assistência prestada e para efetividade do sistema é a falta de profissionais com formação adequada para atuar no SUS. Então novas estratégias deverão ser dirigidas à transformação dos recursos humanos, porém, para que isso aconteça, deve haver vontade política, busca de conhecimentos, habilidades, novos comportamentos e processos organizativos que desenvolvam serviços de saúde melhores. Diante deste cenário viu-se a necessidade de responder a seguinte questão norteadora: Quais as perspectivas dos graduandos de enfermagem quanto a sua formação para o mercado de trabalho do SUS?

Tais perspectivas foram analisadas a partir de um questionário com os 150 alunos do curso de Enfermagem da IES privada, na qual sou funcionária e, emergiram dois artigos, o primeiro intitulado: “Perspectivas da Formação Acadêmica de Discentes de Enfermagem para o Mercado de Trabalho no Sistema Único de Saúde”, que será apresentado a seguir. O segundo artigo tem como título: Gestão e Gerência de Enfermagem na Saúde Pública: perspectivas da capacidade de atuação do discente, também apresentado nesse trabalho acadêmico.

ARTIGO 1

PERSPECTIVAS DA FORMAÇÃO ACADÊMICA DE DISCENTES DE ENFERMAGEM PARA O MERCADO DE TRABALHO NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

RESUMO

O Sistema Único de Saúde (SUS) criado a partir da constituição de 1988 (CF/1988) teve como marco primordial permitir um maior acesso à saúde pela população brasileira. Tendo como pilares de sustentação seus princípios e diretrizes este sistema estabeleceu maior cobertura assistencial, e tal marco ampliou a necessidade de capitação trabalhista, além de estabelecer mudanças no perfil dos trabalhadores da saúde que passaram a considerar o trabalho em saúde como um eixo estruturante da melhoria da qualidade de vida da população. Diante de tal fato, as unidades formadoras tentam sincronizar seus currículos pedagógicos a esta realidade e, porque não, em uma visão futurística de absorção de seus egressos no mercado de trabalho do SUS. Objetivo geral: analisar as perspectivas dos graduandos de enfermagem quanto sua formação para atuação no mercado de trabalho do SUS. Trata-se de um estudo analítico, transversal e de abordagem quantitativa, realizado em 2016, com 150 graduandos de enfermagem de uma faculdade particular em Alagoas. Foi utilizado um questionário composto por 26 perguntas abertas e fechadas que versavam sobre o perfil sociodemográfico dos pesquisados, impressões dos sujeitos em relação ao curso, processo de ensino e aprendizagem, mercado de trabalho em enfermagem e saúde coletiva. Os dados foram coletados e tabulados em planilha eletrônica *Microsoft Excel*® e analisados em software aplicativo *Statistical Package for Social Science - SPSS*®, versão 20. Os estudantes apresentaram a idade média de 27 anos, 46% destes era natural do interior de Alagoas e 82% deles positivaram satisfação quanto sua formação acadêmica. Destacou-se o desejo em 96,7% dos discentes em experienciar uma maior vivência no SUS a partir de uma disciplina eletiva com conteúdo de saúde coletiva como o SUS e a Estratégia Saúde da Família (ESF). Quando foram questionados sobre a capacidade de realizar atividades assistenciais voltadas para os cuidados de pacientes da clínica médica e cirúrgica e educação em saúde, onde os estudantes demonstraram mais esta capacidade no grupo que disse possuir experiência de ensino no SUS, embasado na presença de diferença estatística ($p= 0,000$ e $p=0,001$) respectivamente. O odds ratio de 4,03 e 3,8 mostra que o estudante que possuía alguma experiência de ensino no SUS tem razão de chances em 4,03 e 3,8 vezes maior de apresentar capacidade de realizar atividades assistenciais voltadas para cuidados de usuários da clínica médica e cirúrgica; e educação em saúde que aquele estudante que não obteve esta experiência no SUS. Assim, a inclusão dos estudantes de enfermagem nos campos de atuação de Enfermeiros no SUS, parece proporcionar, ao futuro egresso, uma melhor perspectiva de atuação no mercado de trabalho. Tais momentos são capazes de promover um contato com o modelo assistencial de saúde propiciando experiência e conhecimentos que culminarão no desenvolvimento de maior habilidade, além de uma maturidade profissional.

Descritores: Mercado de Trabalho; Educação em Enfermagem; Sistema Único de Saúde.

ABSTRACT

PERSPECTIVES OF ACADEMIC FORMATION OF NURSING STUDENTS TO THE JOB MARKET WITHIN THE UNIFIED HEALTH SYSTEM

The Unified Health System (SUS) created from the Federal Constitution of 1988 (CF/1988) guaranteed wider health access to the Brazilian population. Its principles and guidelines are the supporting pillars for this system, establishing greater care coverage, increasing need for labor recruitment, besides promoting changes in the health workers profiles regarding the fact that health care aim is to improve population quality of life. Thus, training units try to synchronize their educational curriculum to this reality, or even to an upcoming integration of students into the SUS job market. **General object:** to analyze the perspectives of nursing undergraduate students regarding their training to work in the SUS job market. It is an analytical, cross-sectional and quantitative approach study, conducted in 2016, with 150 nursing undergraduate students of a private institution in Alagoas. A questionnaire containing 26 objective and subjective questions concerning socio-demographic profile of subjects and their impression about the course, teaching and learning process, nursing job market and collective health. Data was collected, tabled into a *Microsoft Excel®* electronic spreadsheet, and analyzed via application software, *Statistical Package for Social Science - SPSS®*, version 20. Students were in average 27 year-old, 46% were from the countryside of the state of Alagoas, and 82% were satisfied with their academic education. It is noteworthy that 96.7% of the students wished to experience more the SUS routine as an elective module with collective health content, such as the SUS and Family Health Strategy (ESF). When they were asked about the capacity to promote care activities toward patient care in the medical and surgical clinic and health education, students from the group with experience in SUS training were more affirmative, based on the statistical difference ($p=0.000$ e $p=0.001$), respectively. Odds ratio of 4.03 and 3.8 show that the student who had some teaching experience in the SUS had odds ratio 4.03 and 3.8 times bigger to be able to execute care activities regarding patients care in the medical and surgical clinic and health education than those student who did not present experience in the SUS. Thus, the inclusion of nursing students in the field of action of nurses in the SUS seems to provide to the future student a better perspective of work in the labor market. Such moments are capable of promoting contact with the health care model enabling experience and knowledge which will provide skill development and professional maturity.

Keywords: Job Market; Nursing Education; Unified Health System.

1 INTRODUÇÃO

O Sistema Único de Saúde (SUS) criado a partir da Constituição Federal de 1988 (CF/1988) teve como marco primordial permitir um maior acesso à saúde pela população brasileira. Tendo como pilares de sustentação seus princípios e diretrizes, este sistema garantiu o direito à saúde tendo como fundamento os princípios da integralidade, equidade e universalidade. Baseadas nestas constatações, novas políticas de saúde foram criadas proporcionando ampliação, tanto em termos de cobertura assistencial, quanto em relação aos seus gastos correntes em investimentos e em pessoal. Ademais, a consolidação do SUS estimulou o crescimento de diversos segmentos industriais e de serviços voltados para o suprimento das necessidades que englobam o contexto saúde (DEDECCA; TROVÃO, 2013).

Ainda, como alicerce prático e político, construído a partir de vários segmentos sociais a Reforma Sanitária Brasileira (RSB) foi um marco para a idealização do SUS, visto ser um processo consumado a partir de um projeto de mudanças que propôs a democratização da saúde, do Estado e da sociedade. Tal movimento teve vigência na ditadura militar, onde o modelo de saúde da época era segmentado e fragmentado, excluindo a população mais pobre, centrando a atenção em consultórios médicos e hospitais privados. Neste sentido, a RSB foi impulsionada pela crítica ao modelo vigente e na idealização da construção de um novo sistema de saúde para o país (PAIM, 2012).

As modificações propostas por tal reforma ao setor foram além de uma reforma apenas sanitária, pois englobou uma reforma administrativa, agrária, bem como conseguiu profundas reformas urbanas e financeiras, sendo sintetizado e legitimado no relatório final da 8ª Conferência Nacional de Saúde (CNS). Para a totalidade destas mudanças acontecerem, foram incorporadas quatro dimensões que deveriam ser integralmente percebidas e incorporadas como eixos direcionadores da atenção e do cuidado nos serviços de saúde (PAIM, 2012).

Compreende-se sobre elas: a dimensão específica que está relacionada ao processo saúde-doença nas populações, onde se considera sua relação com o meio; a dimensão ideológica baseada em valores, juízos e símbolos capazes de expressar a história sanitária local; a dimensão institucional que atua na prática dos campos das instituições que compõem o setor saúde; e na dimensão das relações que compreendem a organização da sociedade e sua produção a partir de um determinado momento histórico. Neste cenário, ao adotar esses conceitos ideológicos multidimensionais, exigiu-se também uma reformulação profunda no próprio conceito de saúde,

revedo-se a legislação no que diz respeito á promoção, proteção e recuperação da saúde (PAIM, 2012).

O conceito ampliado de saúde propôs assim uma rede de assistência voltada para a afirmação de que os níveis de saúde expressam a organização social e econômica do país, ou seja, que a partir de determinantes e condicionantes, como alimentação, moradia, saneamento básico e dentre outros, a saúde poderá sofrer influências negativas ou positivas (MAFFISSONI et al., 2017). Tal fato contribuiu para a necessidade de expandir setores, instituições e o quantitativo de profissionais de saúde a fim de manter o equilíbrio destes fatores e controlar, através de um modelo de vigilância, seus possíveis estímulos.

Em um estudo transversal realizado por Machado et al. (2016) cuja população alvo foi constituída por 1,8 milhões de profissionais de enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem), com registro ativo no Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), foi possível destacar as modalidades institucionais em que a equipe de enfermagem desenvolviam suas atividades, englobando tanto instituições privadas como públicas. Esta pesquisa destacou que 56,6 % desses profissionais trabalhavam em hospitais, 18,1% atuavam em Unidades Básicas de Saúde (UBS) e outros serviços de saúde similares como Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF). Foram apontados profissionais em segmentos ambulatoriais que incluíram clínicas, policlínicas, unidades mistas e outros serviços sem internação, concentrando 6,1% do total de profissionais. Já as unidades de diagnóstico e terapia totalizam mais de 0,1%.

Os resultados acima confirmam a magnitude das áreas de atuação dos recursos humanos na saúde, em destaque os de enfermagem, sendo identificada uma crescente absorção desta categoria nas diferentes esferas de governo e níveis de complexidade. Como afirmam Dedecca e Trovão (2013), a esfera trabalhista constitui-se em uma das dimensões relevantes que o setor saúde carrega, onde a expansão dos serviços de atendimento revela uma abertura para geração de novas oportunidades no mercado de trabalho. Nesse contexto, o âmbito assistencial convive com uma expansão expressiva e recorrente de seu nível ocupacional, sobrepondo-se inclusive à conjuntura econômica do país.

Ressalta-se aqui, que além dos aspectos quantitativos advindos da RSB e da promulgação da CF/1988, novos modelos de atenção à saúde também emergiram pela necessidade de suprir as necessidades de um perfil assistencial voltado para a visão de um todo, e não mais pelos fragmentos e especificidades do conhecimento. Para atender às novas determinações da realidade econômica, social e política do país, o mercado de trabalho passa a

exigir profissionais com formação generalista, capazes de atuar em diferentes níveis de atenção à saúde, e não mais concentrando a formação em enfermagem no âmbito hospitalar (BARROS NETO et al., 2014)

No entanto, percebe-se que as transformações que ocorreram ao longo da formação do profissional enfermeiro, foram direcionadas para se ajustar às exigências do mercado, sendo esse eixo econômico, determinante das mudanças curriculares que os cursos tiveram. Neste sentido, as mudanças no modelo assistencial do SUS, grande empregador do setor saúde, vêm apontando para uma transformação do perfil dos futuros trabalhadores, por meio da adoção de estratégias dirigidas ao campo da formação, onde profissionais possam construir seu aprendizado com base nos princípios e diretrizes deste, sendo agentes transformadores e formadores no processo saúde-doença (BARROS NETO et al., 2014; WINTERS; PRADO; HEIDEMANN, 2016).

Sobre tal aspecto Martini et al. (2017) apontam que a formação desses profissionais deve seguir os pressupostos da reforma curricular dos cursos de graduação. Tal reforma emergiu da necessidade de reorientar os currículos pedagógicos, a partir dos desafios educacionais colocados pela globalização onde o conhecimento incorpora um papel fundamental. Renovar os sistemas educacionais na direção de indivíduos com maior domínio de habilidades culturais, empreendedoras e autônomas, proporciona o *empoderamento* dos processos de trabalho tecnológicos e complexos que constituem o mundo moderno.

Nesse cenário, a graduação na área de saúde, em relação à enfermagem, precisou encontrar formas de preparar e desenvolver profissionais com competências crítico reflexivas, com ética e conhecimento da política para prestar cuidados de enfermagem, na tentativa de distanciar o conhecimento centrado na técnica, no saber biológico e tradicional capaz de reduzir os indivíduos apenas em parte de uma matéria (MARTINI et al., 2017).

Para que tais mudanças fossem possíveis, novas estratégias surgiram e, como marco inicial, consta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de nº 9.394 de 1996, que teve como prioridade especificar a responsabilidade da União em assegurar o processo avaliativo nacional, com definição de prioridades e centrado na melhoria da qualidade do ensino. Diante disso, o Conselho Nacional de Saúde e Câmara de Ensino Superior (CNE/CES), através do Parecer nº 1.133/2001, reforçou a articulação entre Educação Superior e Saúde com a finalidade da formação geral e específica dos egressos/profissionais, destacando a promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde. Após essa normativa, na área da enfermagem, foi aprovada a Resolução CNE/CES nº 3 de 07 de novembro de 2001, que definiu as Diretrizes Curriculares

Nacionais para o Curso de Graduação em Enfermagem (DCN/ENF) (MARTINI et al., 2017; FERNANDES; REBOUÇAS, 2013).

As DCN/ENF, atualmente em vigor, estimulam as mudanças nas fragilidades presentes na prática assistencial onde a atuação profissional dos Enfermeiros se volta para ações tecnicistas e de teor curativo, com base em um modelo de formação reducionista e previamente formulado. O que se propõe com as DCN/ENF é a adoção de estratégias dirigidas ao desenvolvimento de profissionais com base nos princípios e diretrizes do SUS, no conceito ampliado de saúde, na busca de metodologias de ensino que considerem o trabalho em saúde eixo estruturante das atividades, baseado do trabalho interdisciplinar, na integração ensino e serviço, onde um novo modelo assistencial seja oferecido a partir de um novo modelo de formação (WINTERS; PRADO; HEIDEMANN, 2016).

O modelo de formação em referência estimula experiências práticas no ensino, que se baseiam em pressupostos do SUS como a integralidade e a humanização, dentro de um cenário real de saúde, formando profissionais mais críticos, criativos e resolutivos. Os referidos pressupostos indicando que os desafios serão múltiplos tornando-se de fundamental a realização de estudos que aprofundem as imprecisões teóricas inquietantes, salientando as superações das dificuldades, sendo possível em transpor orientações propostas nas DCN/ENF para os cenários do processo de formação (FERNANDES; REBOUÇAS, 2013). Assim, surgiu a seguinte questão norteadora da pesquisa: quais as perspectivas dos graduandos de enfermagem quanto sua formação para o mercado de trabalho do SUS?

A hipótese da pesquisa foi que os estudantes de Enfermagem estejam sendo formados com perspectivas positivas de atuação para mercado de trabalho do SUS, vistos a partir do desenvolvimento de habilidades e competências em sua assistência diante da realidade desse sistema (COSTA, 2009).

O estudo teve como objetivo geral analisar as perspectivas dos graduandos de enfermagem quanto a sua formação para atuação no mercado de trabalho do SUS. Esse estudo se justificou, porque o modelo de atenção sugerido pelo SUS implica o desafio de redirecionar as práticas de prestação de serviços, além da formação de profissionais de saúde para um olhar direcionado para as necessidades individuais e coletivas da população. Visto que um dos objetivos/atribuições do SUS é a participação na formação dos recursos humanos em saúde, se faz necessário que as escolas estejam amparadas em políticas intersetoriais que reflitam práticas de formação reais, baseadas no atual sistema de saúde que norteia seu cuidar (FERNANDES; REBOUÇAS, 2013).

Baseado nos dados sobre a formação para SUS revelado pelos discentes é possível compreender o quanto as unidades formadoras vêm contribuindo para a implantação das mudanças curriculares, e mais importante, para mudança no perfil dos profissionais de saúde exigido pelo mercado de trabalho do SUS. Em um mercado que reflete uma maior competitividade, se destacam aqueles que possuem competência técnico-científica e com capacidade de criação e habilidade na resolução de problemas, provavelmente advindas das experiências reais que vivenciam durante sua formação. Além disso, aspectos que apontam para a singularidade dos sujeitos e para o aprofundamento das relações pessoais entre os protagonistas do contexto saúde, deverão constituir um eixo norteador e de habilidade presente no perfil deste profissional.

1.1 MÉTODOS

Trata-se de um estudo analítico, transversal e de abordagem quantitativa realizado em 2016 com graduando de enfermagem de uma faculdade particular em Alagoas. Os discentes foram distribuídos entre os 10 períodos do curso para garantir a participação dos vários níveis de desenvolvimento acadêmico que compõem o curso de enfermagem. A amostra foi composta por 15 estudantes para cada período resultando em um total de 150 pesquisados.

Durante a pesquisa, os graduandos responderam a um questionário produzido e já reconhecido através da literatura nacional e internacional, adaptado ao curso de Enfermagem (COSTA, 2009) composto por 26 perguntas abertas e fechadas, composto por 05 partes: perfil sociodemográfico dos pesquisados, impressões dos sujeitos em relação ao curso, processo de ensino e aprendizagem, mercado de trabalho em enfermagem e saúde coletiva (SUS e ESF) (ANEXO I). O questionário foi entregue em sala de aula pela pesquisadora que se encontrava disponível para a retirada de dúvidas e aceite de possíveis desistências durante o preenchimento do questionário. O tempo médio para preenchimento do instrumento foi de 15 minutos.

Os dados coletados na pesquisa foram tabulados em planilha eletrônica *Microsoft Excel*® e analisados em software aplicativo *Statistical Package for Social Science - SPSS*®, versão 20. As análises foram realizadas com base no tipo de dado (nominal, ordinal, contínuos e discretos) e para a análise estatística descritiva foram calculadas: frequência, média, desvio-padrão, erro padrão da média e Intervalo de Confiança de 95%. Para a análise inferencial foram utilizados os teste Qui-quadrado, seguido do Teste Exato de Fisher em casos dos valores esperados menores de 5. Para comparação de médias entre os grupos foi utilizado o teste t de

student de amostras independentes. Para todas as análises as diferenças entre os grupos foram consideradas significativas com valores de $p < 0,05$. Foram consideradas as diferenças detectadas das variáveis entre os grupos que se percebiam capazes em realizar atividades relacionadas à sua atuação no SUS.

O projeto foi aprovado pelo CEP da Faculdade Estácio de Alagoas com processo número 1.380.775 e CAAE: 46912515.4.0000.5012 em 23 de dezembro de 2015.

1.2 RESULTADOS

A amostra foi composta por 150 alunos de enfermagem e apresentou a idade média de 27 anos (desvio padrão $\pm 7,181$), sendo 88% com predominância do sexo feminino, 46% natural do interior de Alagoas (Tabela 1).

Tabela 1 – Dados sociodemográficos dos sujeitos pesquisados - Maceió (AL) - 2016.

	N	%	Média	Mín. - Máx	Desvio padrão
Idade	150		27,87	17 - 53	$\pm 7,181$
Sexo					
Feminino	132	88			
Masculino	18	12			
Naturalidade					
Maceió	66	44			
Interior de Alagoas	69	46			
Outras capitais	6	4,3			
Outras cidades do interior do Brasil	8	5,7			

Fonte: produzido pela autora, 2016.

Em relação às expectativas ao curso 76,6% dos alunos, estes afirmaram estarem supridos com a sua formação em Enfermagem, e ainda 82% positivamente satisfeitos quanto esta formação voltada para o mercado de trabalho do SUS (Tabela 2).

Tabela 2 – Frequência de expectativas em relação ao curso e sobre a capacidade em preparar para o mercado de trabalho - Maceió (AL) - 2016.

	O curso atende às suas expectativas	
	N	(%)
Sim	115	76,6
Não	1	0,7
Em parte	34	22,7

Continua

	Capacidade do curso em preparar para o mercado de trabalho	
	N	(%)
Sim	123	82
Não	10	6,7
Não sei	17	11,3

Fonte: produzido pela autora, 2016.

Apesar do nível de satisfação evidenciado destaca-se, no universo pesquisado, o desejo de 96,7% dos discentes de experienciar uma maior vivência de Ensino durante a graduação no SUS, com 57,3% afirmando o interesse quanto à ampliação da proposta de integração entre ensino e serviço a partir de uma disciplina eletiva constituída de conteúdos de saúde coletiva como o SUS e a Estratégia Saúde da Família (ESF). Outro dado importante está na afirmação de que 68% desses cursistas já vivenciaram, durante algum momento acadêmico, experiências de ensino em disciplinas direcionadas para o SUS (Tabela 3).

Tabela 3 - Frequência em ser favorável a maior vivência no SUS, em cursar disciplina eletiva de Saúde Coletiva e já ter vivenciado alguma experiência de Ensino no SUS - Maceió (AL) – 2016.

	Favorável a proposta do curso em maior vivência no SUS	
	N	(%)
Sim	145	96,7
Não	5	3,3

	Cursar a Disciplina de Saúde Coletiva em caso de Disciplina Eletiva	
	N	(%)
Sim	86	57,3
Não	64	42,7

	Experiência de ensino no SUS	
	N	(%)
Sim	102	68
Não	48	32

Fonte: produzido pela autora, 2016.

Em relação à capacidade de realizar educação em saúde para grupos populacionais os pesquisados que demonstraram maior aptidão estavam entre aqueles que responderam também possuir experiência de ensino em disciplinas no SUS (odds = 3,8; p= 0,001,). Os alunos que referiram sentir-se preparado para atuar no SUS, apresentaram uma associação estatisticamente significativa para a capacidade de realizar educação em saúde para grupos populacionais (odds= 3,92; p = 0,029) (Tabela 4).

Nesse universo, estudantes que demonstraram interesse em cursar disciplinas que envolvem conteúdos de saúde coletiva no SUS (mesmo que elas fossem optativas) apresentaram

resultados de associação estatística significativa com a capacidade de realizar educação em saúde para grupos populacionais (odds = 3,29; p = 0,02) (Tabela 4).

Tabela 4 - Associação entre percepções sobre mercado de trabalho em enfermagem e saúde e capacidade de realizar educação em saúde - Maceió (AL) – 2016.

	Capacidade de realizar educação em saúde para grupos populacionais						
	Sim		Não		P Valor	OR	IC 95%
	N	%	N	%			
O curso de Enfermagem da IES está capacitando para a inserção no atual mercado de trabalho							
Sim	96	64	27	18	0,318*	-	-
Não	9	6	1	0,7			
Não sei	11	7,3	6	4			
O mercado de trabalho está propício aos futuros Enfermeiros assistenciais							
Sim	82	54,7	22	14,7	0,669*	-	-
Não	23	15,3	9	6,0			
Não sei	11	7,9	3	2,0			
Onde gostaria de exercer a profissão							
Interior de Alagoas	46	30,7	13	8,7	0,581*	-	-
Maceió	39	26,0	9	6,0			
Grandes centros	14	9,3	7	4,7			
Não sei	9	6,0	4	2,7			
Outro	8	5,3	1	0,7			
Pretende especializar							
Sim	115	76,7	34	22,7	1,00*	0,77	0,70-0,84
Não	1	0,7	0	0			
Possui alguma experiência de ensino no SUS							
Sim	87	58,0	15	10	0,001	3,8	1,71-8,43
Não	29	19,3	19	12,7			
Sente-se preparado para atuar no SUS							
Sim	110	73,3	28	18,7	0,029*	3,92	1,17-13,11
Não	6	4,0	6	4,0			
Faria as disciplinas que envolvem o conteúdo da saúde coletiva se optativas.							
Sim	110	73,3	28	18,7	0,02	3,92	1,17-13,11
Não	6	4	6	4			

*Realizado teste exato de Fisher considerando p < 0,05.

Quando foram questionados sobre a capacidade de realizar atividades preventivas e de promoção em saúde juntamente com profissionais de outras áreas da saúde (atividades multiprofissionais), os estudantes demonstraram mais esta capacidade no grupo que respondeu também ter possuído experiência de ensino em disciplinas no SUS, com base na presença de diferença estatística (p= 0,018). O odds ratio de 3,69 mostra que o estudante que possuía alguma

experiência de ensino em disciplinas no SUS tem razão de chances em 3,69 vezes maior de apresentar capacidade de realizar atividades preventivas e de promoção em saúde junto a outros profissionais da saúde do que aquele estudante que não obteve esta experiência no SUS (Tabela 5).

Tabela 5 - Associação entre às atividades preventivas e de promoção em saúde juntamente com outros profissionais de saúde – Maceió (AL) – 2016.

	Capacidade de realizar atividades de prevenção e promoção em Saúde na equipe multidisciplinar.							
	Sim		Não		P valor	OR	IC 95%	
	N	%	N	%				
Expectativa de trabalho depois da graduação								
Setor public	31	20,7	6	4				
Setor privado	2	1,3	0	0,0				
Setor público e privado	96	64	8	5,3				
Magistério	3	2,0	1	0,7	0,404	-	-	
Administração dos serviços de saúde	1	0,7	0	0,0				
Pesquisa	2	1,3	0	0,0				
O curso de enfermagem da IES está capacitando para a inserção no atual mercado de trabalho								
Sim	109	72,7	14	9,3				
Não	10	6,7	0	0,0	0,064	-	-	
Não sei	16	10,7	0	0,0				
O mercado de trabalho está propício aos futuros enfermeiros assistenciais								
Sim	91	60,7	13	8,7				
Não	31	20,7	1	0,7	0,373	-	-	
Não sei	13	8,7	1	0,7				
Onde gostaria de exercer a profissão								
Interior de Alagoas	54	36	5	3,3				
Maceió	43	28,7	5	3,3				
Grandes centros	17	11,3	4	2,7	0,622	-	-	
Não sei	12	8	1	0,7				
Outro	9	6	0	0,0				
Pretende especializar								
Sim	134	89,3	15	10				
Não	1	0,7	0	0,0	0,900	0,89	0,852 - 0,949	
Possui alguma experiência de ensino no SUS								
Sim	96	64	6	4				
Não	39	26	9	6	0,018	3,69	1,23 - 11,07	
Sente-se preparado para atuar no SUS								
Sim	104	69,3	9	6				
Não	31	20,7	6	4	0,129	2,23	0,73 - 6,77	
Faria as disciplinas que envolvem o conteúdo da Saúde Coletiva se optativas.								
Sim	126	84	12	8				
Não	9	6	3	2	0,103	3,50	0,83 - 14,69	

*Realizado teste exato de Fisher considerando $p < 0,05$.

Ao se avaliar a associação entre a capacidade de realizar educação em saúde para grupos populacionais e o período letivo cursado, encontrou-se significância estatística ($p =$

0,000), sendo esta capacidade diferente nos 10 períodos do curso. Nota-se que percentuais maiores ou iguais a 80% apontando apresentarem esta capacidade a partir do 4º período do curso (Tabela 6).

Tabela 6 - Associação entre capacidade de realizar educação em saúde em grupos populacionais e período do curso – Maceió (AL) – 2016

PERÍODO	Capacidade de realizar educação em saúde para grupos populacionais					p valor	OR	IC 95%
	Sim		Não					
	N	%	N	%				
1	6	40,0	9	60,0				
2	8	53,3	7	46,7				
3	6	42,9	8	57,1				
4	12	80,0	3	20,0				
5	13	81,3	3	18,8	0,000	-		
6	14	93,3	1,0	6,7				
7	15	100	0,0	0,0				
8	14	93,3	1,0	6,7				
9	13	86,7	2,0	13,3				
10	15	100	0,0	0,0				

* Realizado teste Exato de Fisher considerando significância de $p < 0,05$.

Quando questionados sobre a capacidade de realizar atividades assistenciais voltadas para os cuidados de pacientes da clínica médica e cirúrgica, os estudantes que responderam também possuir experiência de ensino em disciplinas no SUS demonstraram maior preparo para tais cuidados com base na presença de diferença estatística ($p = 0,000$). O odds ratio de 4,03 mostra que o estudante que possuía alguma experiência de ensino no SUS tem razão de chances em 4,03 vezes maior de apresentar capacidade de realizar atividades assistenciais voltadas a pacientes da clínica médica e cirúrgica do que aquele estudante que não obteve experiência de ensino no SUS.

Já em relação ao aluno que referiu sentir-se preparado para atuar no SUS, este apresenta associação estatisticamente significativa com a capacidade de realizar atividades assistenciais voltadas aos cuidados de pacientes da clínica médica e cirúrgica ($p = 0,002$). Estudantes que se dizem preparados para atuar no SUS, apresenta 3,26 vezes mais razões de chances de apresentar capacidade de realizar atividades assistenciais voltadas para os cuidados de pacientes da clínica médica e cirúrgica que aqueles que não se sentem preparados para esta atividade.

Estudantes que demonstraram interesse em realizar disciplinas formadas por conteúdos de saúde coletiva (SUS e ESF), mesmo se estas fossem apenas optativas, apresentaram associação significativa com a capacidade de realizar atividades assistenciais voltadas para os cuidados de pacientes da clínica médica e cirúrgica ($p = 0,035$). Estudantes que

se dizem dispostos a realizar disciplinas relativas a conteúdo de saúde coletiva (SUS e ESF) mesmo sendo optativas, apresentam 3,9 vezes mais razões de chances de apresentar capacidade de realizar atividades assistenciais voltadas aos cuidados de pacientes da clínica médica e cirúrgica que aqueles que não se sentem preparados para estas atividades (Tabela 7).

Tabela 7 - Associação da capacidade de realizar atividades assistenciais voltadas para os cuidados de pacientes da clínica médica e cirúrgica, com a experiência de ensino no SUS e a percepção sobre mercado de trabalho voltado para o SUS – Maceió (AL) – 2016.

	Capacidade de realizar atividades assistenciais voltadas aos cuidados de pacientes da clínica médica e cirúrgica							
	Sim		Não		p valor	OR	IC 95%	
	N	%	N	%				
Expectativa de trabalho depois da graduação								
Setor público	21	14	16	10,7				
Setor privado	1	0,7	1	0,7				
Setor público e privado	56	37,3	48	32				
Magistério	1	0,7	3	2,0	0,589	-	-	
Administração dos serviços de saúde	0	0,0	1	0,7				
Pesquisa	2	1,3	0	0,0				
O curso de enfermagem da IES está capacitando para a inserção no atual mercado de trabalho.								
Sim	96	64	27	18				
Não	9	6	1	0,7	0,318	-	-	
Não sei	11	7,3	6	4				
O mercado de trabalho está propício aos futuros enfermeiros assistenciais.								
Sim	92	41,3	42	28				
Não	12	8	20	13,3	0,078	-	-	
Não sei	7	4,7	7	4,7				
Onde gostaria de exercer a profissão								
Interior de Alagoas	33	22	26	17,3				
Maceió	27	18	21	14				
Grandes centros	8	5,3	13	8,7	0,332	-	-	
Não sei	6	4	7	4,7				
Outro	7	4,7	2	1,3				
Pretende especializar								
Sim	81	54	68	45,3				
Não	0	0,0	1	0,7	0,460	-	-	
Possui alguma experiência de ensino no SUS								
Sim	66	44	36	24	0,000	4,0	1,93 - 8,39	
Não	15	10	33	22		3		
Sente-se preparado para atuar no SUS								
Sim	69	46	44	29,3		3,2	1,49 - 7,16	
Não	12	8	25	16,7	0,002	6		

Continua

	Capacidade de realizar atividades assistenciais voltadas aos cuidados de pacientes da clínica médica e cirúrgica				p valor	OR	IC 95%
	Sim		Não				
	N	%	N	%			
Faria as disciplinas que envolvem o conteúdo da saúde coletiva se optativas							
Sim	78	53	60	40	0,035	3,9	1,01-15,03
Não	3	2	9	6		0	

*Realizado teste exato de Fisher considerando $p < 0,05$

1.3 DISCUSSÃO

No estudo em questão 88% (Tabela 1) dos sujeitos são do sexo feminino, confirmando a tendência ainda feminina que a equipe de enfermagem carrega, em que segundo estudos sobre a área, a presença da feminilização marca a profissão com porcentagens relativas a 90% através de estudos na área. Contudo, dados apontam para um crescimento constante, na década de 90, de homens neste cenário, que se intensificou a partir da reforma universitária em 1968 e possibilitou a inserção do sexo masculino no curso de enfermagem por aprovação no vestibular e não apenas por vocação ou por condutas consideradas adequadas (MACHADO; VIEIRA; OLIVEIRA, 2012; COSTA; FREITAS; HAGOPIAN, 2017).

Apesar da crescente ascensão masculina na profissão nos tempos atuais, conota-se que existe um preconceito histórico oriundo das diferenças de gênero e de papéis sociais. Em estudo realizado com moradores da cidade de Itajubá-MG atendidos por enfermeiros do sexo masculino, foi relatado que há resistência e preconceito por parte da população atendida, sendo esse comportamento predominante. Constatou-se que apesar da “aceitação” e da “conquista” dos homens e sua profissionalização na enfermagem, existem aspectos como o constrangimento de usuárias mulheres diante de alguns conteúdos e de alguns procedimentos quando realizados por profissionais homens, foram referidos como embaraçosos (VITORINO; HERTEL; SIMÕES, 2012).

Outro aspecto importante descrito no estudo acima foi à vinculação do masculino a força física e não a qualidade e a competência apresentada por estes profissionais em seus campos de atuação. Ainda, a da impressão de uma baixa expectativa de crescimento social, quando homens se encaixam em profissões que são femininas, colocando inclusive em julgo aspectos pessoais dos sujeitos, como a masculinidade (VITORINO; HERTEL; SIMÕES, 2012).

Características inerentes ao perfil sociodemográfico dos estudantes de Enfermagem, podem contribuir para a ocorrência do estresse durante sua formação. A ampliação de diretrizes para uma política de assistência estudantil baseada no princípio da autonomia universitária, contribuiu significativamente para a inserção de alunos nas graduações.

Para implementar a proposta, alguns programas foram desenvolvidos dentre eles, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI - cujo objetivo foi expandir as vagas nas universidades federais pela criação de novas instituições e da abertura de novos campos; e também, do PROUNI “programa universidade para todos” onde se destinou a compras de vagas em instituições superiores privadas. Ressalta-se ainda o programa de financiamento estudantil –FIES- que protagonizou esta ampliação, oferecendo uma contrapartida financeira as IES para o ingresso do aluno. Todas essas iniciativas carregaram em si uma estratégia expansionista visando para ampliar o espaço social da educação superior (BLEICHER; OLIVEIRA, 2016; CORRÊA; SANTOS; KOBI, 2014).

Essa expansão deu-se também para alunos que residem em cidades menores, favorecendo a interiorização dos ensinos superiores, com maior oportunidade de formação para os munícipes de cidades menos favorecidas. Contudo, quando aspectos sociodemográficos são confrontados em estudos, percebe-se que as distâncias entre a sede das IES e o local de residência dos discentes interferem na qualidade da formação acadêmica. Em estudo realizado com 130 acadêmicos de enfermagem foi evidenciado que, do 1º aos 8º períodos do curso houve destaque, como segundo maior fator estressante, o “ambiente” com média de 1,89 (dp=0,81). Esses autores apontaram que o deslocamento dos estudantes de suas residências para as universidades, locais das aulas práticas e campos de estágios, bem como as condições do transporte público utilizado, foram referidos como estressores (BUBLITZ et al., 2012).

Corroboram Moura et al. (2016) que também avaliaram a qualidade de vida dos estudantes de enfermagem durante a graduação e constataram que 64,6% desses alunos moravam em municípios distantes e destacaram que 22,2% afirmaram a presença de fadiga e estresse, tendo como desencadeadores a distância entre a casa e a faculdade, bem como as condições de transporte. Tal fato assemelha-se a realidade dos sujeitos da atual pesquisa, a qual evidenciou 69% de discentes oriundos de cidades do interior de Alagoas (Tabela 1), o qual pode contribuir com aspectos negativos no âmbito do ensino e da aprendizagem.

Outra questão apontada nesse estudo foi à satisfação dos acadêmicos quanto ao curso de enfermagem, e com 76,6% (Tabela 2) de aprovação, à instituição estudada vem contribuindo para uma boa experiência acadêmica. Vale ressaltar que a pesquisa em questão evidenciou

apenas a visão do discente quanto sua formação, não adentrando a aspectos que exemplifique e que resgatem a prática da intersecção entre a formação e o mercado de trabalho, tal afirmativa pode justificar o total de 11,3% (Tabela 2) dos alunos não obterem respostas concretas sobre sua qualificação.

Em estudo realizado em Universidade Pública Federal localizada no Sul do Brasil sobre a satisfação do discente na graduação de enfermagem, os estudantes apontaram como maiores promotores da satisfação pessoal: o constructo do currículo e ensino, a readequação dos ambientes com investimentos em novas áreas da tecnologia e informação, as estruturas físicas das instituições e as interações harmônicas entre professores, estudantes e funcionários. Ainda foi possível destacar com relação direta, em outra pesquisa parecida: a satisfação de ser um estudante de nível superior, o sentimento de pertencer a um grupo de estudantes, a possibilidade de perceber o seu futuro como promissor e a aplicabilidade dos conteúdos desenvolvidos (HIRSCH et al., 2015 e BUBLITZ et al., 2015).

Quanto aos aspetos relacionados à satisfação acadêmica para formação ao mercado de trabalho do SUS, 82% dos alunos (Tabela 2) apontaram que a instituição de ensino contribuía adequadamente neste quesito. No que concerne a esta prática, a aderência à formação profissional na perspectiva do SUS vem levando a alterações no modelo pedagógico acadêmico, buscando reorientá-lo para as reais necessidades da sociedade. Em estudo realizado por Fernandes et al. (2013) a partir do discurso de 13 discentes distribuídos em quatro IES públicas e particulares foi possível identificar a presença da articulação do processo de formação do enfermeiro com o SUS a partir de práticas de ensino em vários cenários de aprendizagem e dos conteúdos curriculares que discutem os princípios e diretrizes deste sistema.

Uma forma de aproximar os futuros trabalhadores do SUS do seu contexto real é através de vivências neste cenário. De acordo com Dias e colaboradores (2016) a falta de profissionais que atuem adequadamente no SUS, a partir de uma formação voltada para esse sistema, tem sido um fator comprometedor para a gestão e para a melhoria da qualidade da assistência ofertada. Tal fato emerge e demanda um constante movimento de mudança no sentido de enfrentar essas dificuldades. Quanto a este aspecto 96,7% dos pesquisados (Tabela 3) são favoráveis a esta ampliação, e a verdade é que tais mudanças já vêm sendo incorporadas pelos cursos de graduação a partir das Diretrizes Curriculares de Ensino (DCN) desde 2001.

As Diretrizes Nacionais para o Curso de Graduação em Enfermagem (DCN/ENF) surgiram na resolução nº 03 de 7/11/2001 e apontaram para a necessidade de articulações intersetoriais entre a educação e saúde, trazendo indicadores de mudança no processo de

formação do enfermeiro. Deste modo, o perfil do egresso/profissionais passou a ter como objetivo uma assistência generalista, crítica e reflexiva com ênfase na promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde (FERNANDES et al., 2013).

Em um estudo bibliográfico recente foi possível perceber que mesmo após 16 anos dos direcionamentos apontados pela DCN/ENF o índice de aderência ainda foi considerado baixo, revelando a necessidade das IES buscarem maior vinculação entre a adoção das bases epistemológicas presentes nas diretrizes e as propostas contidas nos projetos político pedagógico. Ainda, vale ressaltar que, em estudo em que foram agrupados os depoimentos de discentes sobre a articulação das DCN no curso de Enfermagem, alguns revelaram não perceberem esse processo, negando a existência de articulação, o que levou a uma insegurança dos discentes quanto ao seu fazer. Esses discentes expressaram ser considerados mão-de-obra barata, e ainda, que os cenários de práticas não são cuidadosamente selecionados tendo em vista o desenvolvimento, pelos discentes, das competências e habilidades previstas nas diretrizes curriculares na perspectiva do SUS (MARTINI et al., 2017; FERNANDES et al., 2013).

Segundo Hirsch et al (2015), o aumento da carga horária disponibilizada para disciplinas de caráter prático oferece aos sujeitos mais segurança e autoconfiança, sendo fatores que contribuem para o reforço da identidade profissional através do aumento da experiência e conhecimentos clínicos. No estudo em questão 36% dos alunos (Tabela 3) ainda não vivenciaram nenhuma situação de prática no SUS e 57,3% (tabela 3) são favoráveis a cursar uma disciplina eletiva de saúde coletiva que aborde o contexto do SUS e da ESF.

Ao analisar a Projeto Político Pedagógico da IES estudada verificou-se que os alunos iniciam suas atividades de campo nos cenários do sistema de saúde a partir do 4º período do curso. Nesse contexto, disciplinas de base como: anatomia, fisiologia, parasitologia, bioquímica, permanecem no currículo pedagógico da instituição nos primeiros períodos, assim como disciplinas de semiotécnica e semiologia que são desenvolvidas em laboratórios. Neste sentido, verificou-se, que no ano de 2016 houve uma alteração na matriz curricular do curso, quando à disciplina de Saúde da Família, com enfoque ao SUS, a qual fazia parte da matriz curricular do 7º período, e que foi incorporada a matriz pedagógica dos alunos do 3º período do curso, porém de acordo com a ementa da disciplina, essa disciplina se reporta apenas aos aspectos teóricos e de aplicações em sala de aula. O fato de não estarem vivenciando práticas no SUS, desde os primeiros períodos da graduação como orienta as DCN/ENF é um dado preocupante, visto que existem evidências recentes de uma tendência estudantil para a vivência de poucas atividades extracurriculares, o que limita consideravelmente sua experiência de formação.

Em uma pesquisa que avaliou às atividades desenvolvidas pelos estudantes de enfermagem no último período do curso, 15% dos alunos haviam desenvolvido atividades de extensão, 9% atividades de monitoria e atividades de extensão, 8% de monitoria e 14% deles tinham desenvolvido todas as atividades ofertadas dentro da graduação, porém um montante de 42%, não havia desenvolvido atividade nenhuma, limitando-se apenas aos conteúdos propostos pelo curso (OLIVEIRA; NUNES; MOURÃO, 2015).

Ainda é importante ressaltar que, no constrito da academia outro estudo recente mostrou que 71,7% dos alunos do primeiro ao último semestre do curso de enfermagem de faculdades públicas e privadas, não participaram de estudos pesquisa, incluindo disciplinas eletivas. É importante destacar que os grupos de estudo e pesquisa proporcionam maior vínculo entre a teoria e a prática, além de incentivar a busca pelo cientificismo a partir das ações realizadas, pois aprofundam o conhecimento e a leitura sobre os conteúdos, o que se constitui em um diferencial para o futuro enfermeiro (BUBLITZ et al., 2015).

No que concerne a aspectos da formação voltados para as principais habilidades que deverão ser desenvolvidas por Enfermeiros em sua atuação no SUS a educação em saúde é um eixo primordial, visto englobar práticas para atuar em todos os níveis de atenção à saúde.

Nesse contexto, a educação em saúde surge como um instrumento importante para a promoção à saúde, pois é capaz de proporcionar o *empoderamento*, ou seja, a capacidade da comunidade ou dos indivíduos, se tornarem agentes ativos do processo saúde-doença, dispondo assim de conhecimentos e habilidades para protagonizar o contexto saúde. Isso se distancia de uma prática de ensino verticalizada, mas de uma troca de conteúdos e conhecimentos onde as ações educativas possam promover a autonomia dos indivíduos, sem estarem regulados ou supervisionados por profissionais de saúde. A educação em saúde é capaz de desenvolver nos indivíduos autonomia diante de seu processo saúde-doença (OLIVEIRA et al., 2015; OLIVEIRA; NUNES; MOURÃO et al., 2015).

Neste estudo os alunos que vivenciaram experiências no SUS, apresentam 3,9 vezes mais chance de possuir capacidade de educar em saúde (Tabela 4), atribuindo-se a este dado a contribuição do exercício de tais práticas durante a graduação, o que os aproximam do serviço. Metodologias de ensino que envolvam um contato com a realidade, diálogo com os atores, discussão de textos e conhecimento/problematização da realidade dos serviços de saúde são capazes de desenvolver um aluno ainda mais crítico e reflexivo (SALES; MARIN; SILVA FILHO, 2015).

Sobre este quesito Amaral, Ponte e Silva (2014) descreveram em sua pesquisa que alunos de Enfermagem da disciplina Educação Popular em Saúde (EPS) no primeiro ano do curso de graduação e que tiveram a experiência de capacitação dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) em EPS para o SUS, revelaram as potencialidades desta prática. Nesse contexto foi pontuado um aprimoramento do conhecimento sobre trabalho dos agentes, além de seus saberes e práticas e o aperfeiçoamento da pedagogia da problematização e de discussão dos problemas de saúde identificados pelos ACS e pelos alunos, visto que a EPS foi construída na perspectiva da promoção à saúde.

A relação entre a educação e saúde com o processo de ensino e aprendizagem se fortalece quando cursos de graduação em Enfermagem são capazes, inclusive, de formar indivíduos em bacharelado e em licenciatura, como é a experiência de alunos do 6º período de uma universidade pública em Minas Gerais. De acordo com as falas dos discentes, as disciplinas pedagógicas da licenciatura, aprimoraram o desenvolvimento de habilidades educativas ampliando o desenvolvimento destes alunos para atividades de educação em saúde, estimulando o processo de ensino e aprendizagem no sentido educador/educando; e desenvolvendo habilidades de comunicação interpessoal e educacionais (SANTOS et al., 2011).

Outro aspecto observado na formação em enfermagem é a obrigatoriedade de atividades práticas diárias apenas nos últimos semestres da graduação quando é composta de 20% da carga horária total do curso como preconiza a resolução nº 441/13 do COFEN nos chamados estágios obrigatórios. Essa normativa pode engessar algumas IES a garantir esforços e bons campos apenas neste período. Em estudo que avaliou os estágios obrigatórios na visão do estudante de Enfermagem, foi possível constatar que tais atividades sozinhas, não foram capazes de proporcionar a segurança necessária para os alunos desenvolverem as atividades profissionais futuras, gerando ansiedade e medo, principalmente por estarem prestes a sair do mundo universitário (MARCHIORO et al., 2017).

Contribuindo com a insegurança desse discente quanto ao seu futuro profissional, existe a preocupação em encarar a grande competitividade do mercado de trabalho. Sobre isso, Jesus e colaboradores (2013) afirmam que como o atual cenário profissional da saúde dispõe de um número grande de profissionais, cabe à empresa escolher os mais capacitados, e dentre estes, indivíduos com melhor formação e com maior experiência profissional que se adequem ao perfil de escolha. Portanto, favorecer práticas de atuação em serviços durante períodos da graduação pode contribuir consideravelmente para a atuação deste discente tanto no estágio obrigatório quanto na condição de egresso.

Em pesquisa desenvolvida em um hospital escola com enfermeiros supervisores, foi destacada a importância dos estágios obrigatórios no aprimoramento e na formação dos graduandos para o mercado de trabalho, porém houve referência ao despreparo e a imaturidade com que os discentes vêm chegando aos últimos períodos. A falta de interesse e o despreparo teórico-prático do acadêmico na realização do estágio vêm comprometendo a realização deste, visto que a forma como este se desenvolve está diretamente relacionada à conduta do aluno. A postura de desinteresse em aprender induz o enfermeiro a não investir na troca de informações com o acadêmico fator este que interfere na troca de conhecimento, além do vínculo e da qualidade da assistência prestada (SOUZA et al., 2017).

No sentido das interações interpessoais que são apontados na atuação do contexto saúde, no estudo em questão, os participantes que responderam terem vivenciado práticas no SUS tinha 3,69 vezes mais chances de realizar atividades preventivas e de promoção em saúde juntamente com outros profissionais de outras áreas da saúde (Tabela 5), sendo aspectos da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade campos percorridos pelo SUS.

O trabalho interdisciplinar contempla, entre outros aspectos, a possibilidade de trabalho conjunto, que respeita as bases disciplinares específicas, buscando a partir delas, soluções compartilhadas para os problemas de saúde. É o encontro das diferentes disciplinas que perpassa pelos aspectos teóricos e práticos na construção de um novo saber, intervindo nas dimensões sociais, pedagógicas e de pesquisa (BISPO; TAVARES; TOMAZ, 2013).

Sobre as práticas de extensão com enfoque nas atividades interdisciplinares, em projeto de extensão popular interdisciplinar desenvolvido na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), os estudantes desenvolviam atividades de visitas domiciliares semanais, participavam de movimentos comunitários, das atividades junto à Unidade Básica de Saúde (UBS), de lutas sociais e de grupos de cuidado. Um dos pontos de observados e pleiteados pelo projeto foi o fato de levar os extensionistas a aprenderem a trabalhar em grupo através do respeito às diferentes maneiras de pensar e aos posicionamentos dos envolvidos; valorizando o tempo que cada sujeito tem para seu amadurecimento individual ou em sociedade e ao aprimoramento de valores como: “acolher o outro; a construir, construir junto, pensar junto, fazer junto” (LEITE; RIBEIRO; ANJOS, 2014)

Diante de toda a problemática que englobam a necessidade de intensificar as atividades práticas, cabe ressaltar a importância da escolha de em qual período da graduação em que é proveitoso inserir os alunos nestas práticas. No estudo em questão, alunos do 1º aos 4º períodos,

afirmaram não se sentir aptos a realizarem atividades sequer de educação em saúde (Tabela 6) e, com base na literatura que explora a temática, tal fato parece comprometer aspectos da formação.

A literatura mostra que estudantes do 8º período do curso de Enfermagem que haviam vivenciado desde o 1º ao 6º períodos a disciplina de “Atividades Práticas na Atenção Primária à Saúde (APS)”, demonstrou a relevância, para esses discentes, e o impacto que as atividades proporcionaram à formação. Os alunos destacaram a importância das experiências adquiridas para a formação de competências, assim como relatando maior vínculo, maior capacidade de interação, melhor conduta técnica e prática, além de aprimorar um desenvolvimento crítico e uma reflexão fidedigna sobre a realidade que compõe a atenção primária (LIMA et al., 2016).

Por outro lado é importante ressaltar que a proposta de mudança nos projetos pedagógicos dos cursos em saúde deve englobar não apenas a área da atenção primária, mas os demais níveis assistenciais, incluindo o hospitalar. Neste sentido, como abordam Sales, Marlin e Silva Filho (2015) a articulação teoria-prática na formação do enfermeiro sinaliza a necessidade de se fortalecerem os diferentes cenários de aprendizagem, estando inserido também o contexto hospitalar. Deste modo, existe necessidade de mudança no modelo de ensino que priorizou o campo da atenção básica em saúde no contexto das DCN, sendo preciso avançar nesta questão, por meio da operacionalização dos princípios e diretrizes do SUS também na média e alta complexidade, onde os hospitais de ensino são um importante veículo nessa nova lógica de atenção.

Os estágios extracurriculares, comumente chamados de não obrigatórios, aproximam os estudantes de diversas áreas de conhecimento, dentre eles o hospitalar, que precisam ser potencializados enquanto espaços privilegiados de aprendizagem e apoio à formação para habilidades técnicas e científicas (SANTOS; OLIVEIRA, 2012). No estudo em questão os alunos que disseram vivenciarem práticas de atuações no SUS têm 4,03 vezes mais chances de desenvolverem atividades voltadas para a clínica médica e cirúrgica (Tabela 7).

Em um estágio extracurricular intitulado “o cotidiano do SUS enquanto princípio educativo” desenvolvido pela Escola Estadual de Saúde Pública na Bahia, estudantes dos terceiros ao sétimo períodos do ensino superior de diversas áreas de conhecimento, foram inseridos no contexto hospitalar do SUS e revelaram potencialidades. Para tais alunos essa vivência permitiu uma aproximação das ações de enfermagem da vigilância epidemiológica e da saúde coletiva hospitalar, com um aprendizado diferenciado por incluir a temática da vigilância epidemiológica, além de não se tratar apenas de uma prática observacional, mas de ação e intervenção, sendo capaz de influenciar na capacidade de decisão e habilidades do aluno para

adquirir competências de resolver problemas na sua atuação posterior na condição de trabalhador de saúde (SANTOS; OLIVEIRA, 2012).

Neste sentido, visto a magnitude da temática, sugere-se aos cursos de graduação em enfermagem apostar em currículos que atendam às necessidades de saúde da população no SUS, bem como às exigências do mercado de trabalho atual. Intersectar o escopo da academia aos objetivos dos serviços de saúde e às tendências do mercado de trabalho, a partir da construção de uma proposta pedagógica, pode garantir a empregabilidade dos discentes, além do desenvolvimento de práticas efetivas e resolutivas que atendam as demandas das comunidades. O SUS continua tendo um dos mais amplos mercados de trabalho para os profissionais de saúde e ignorar esta condição poderia ser um grande equívoco (MAFFISSONI et al., 2017).

1.4 CONCLUSÃO

A formação na área de saúde ainda é um desafio constante, visto que as alterações relacionadas ao mercado de trabalho definem o perfil do trabalhador que será absorvido nessa esfera. Novas mudanças e adaptações parecem necessárias, principalmente quando o campo de atuação engloba o mercado de trabalho do SUS. O modelo atual de assistência à saúde propõe e subsidia às IES para a consecução de um perfil de egresso generalista, reflexivo, criativo, com base em princípios éticos que colaborem com a formação da cidadania.

Os resultados desta pesquisa mostram que as possíveis tentativas de direcionamento das academias frente as propostas das DCN/ENF se deparam com obstáculos, dentre eles o número de ingressos nos cursos de graduação de enfermagem com perfis sociodemográficos peculiares, como exemplo, o de residirem distantes das sedes da IES, dos locais de prática e da dificuldade de locomoção aos locais propostos para desenvolvimento de atividades acadêmicas. Tais situações podem interferir nas propostas curriculares e acadêmicas do curso, bem como comprometer o rendimento e o desenvolvimento técnico-científico proposto para o egresso. Dessa forma, sugere-se que as IES consigam incorporar às vivências práticas integrando o ensino aos serviços de saúde, além da possibilidade de correlacionar o modelo do currículo pedagógico ao perfil de seu discente.

Nota-se, que os estudantes pesquisados esperam atuar no mercado de trabalho do SUS, porém as competências relacionadas a esta atuação foram efetivadas apenas quando esses estavam inseridos nos cenários que compõe o sistema. Graduandos que vivenciaram experiência de ensino em disciplinas no SUS ou que pretendem participar de disciplinas de saúde coletiva que abordem a temática do SUS e ESF revelaram possuir uma maior capacidade de educar em saúde, desenvolver atividades de promoção à saúde na dimensão interdisciplinar e de oferecer uma assistência de clínica médica e cirúrgica no contexto hospitalar.

Portanto, parece importante inserir os estudantes de enfermagem nos campos de atuação de Enfermeiros que atuam no SUS, onde possam percorrer os cenários de atuação, sendo capazes de promover as resoluções com abordagem prática e resgate teórico. Tal prática poderá favorecer ao futuro egresso com melhores perspectivas de atuação no mercado de trabalho, visto que no estudo em questão, não houve uma positividade uniforme dessa perspectiva. Tais momentos são capazes de promover um contato com o modelo assistencial de saúde propiciando experiência e conhecimentos que culminarão no desenvolvimento de maior habilidade, além de uma maturidade profissional.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Carmélia Sales do; PONTES, Andrezza Graziella Veríssimo; SILVA, Jennifer do Vale. O ensino de educação popular em saúde para o SUS: experiência de articulação entre graduandos de enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1547-1558, 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000601547&lng=en&nrm=iso>. acesso em 19 Out. 2017.

BARROS NETO, José Milton et al. A formação do profissional enfermeiro e o mercado de trabalho na atualidade. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v. 5, p. 176-193, 2014. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/22834/16382>>. acesso em 17 de Jan. 2018.

BLEICHER, Taís; OLIVEIRA, Raquel Campos Nepomuceno de. Políticas de assistência estudantil em saúde nos institutos e universidades federais. **Psicol. Esc. Educ**, Maringá, v. 20, n. 3, p. 543-549, Dez. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572016000300543&lng=en&nrm=iso>. acesso em 01 Out. 2017.

BISPO, Emanuella Pinheiro de Farias; TAVARES, Carlos Henrique Falcão; TOMAZ, Jerzuí Mendes Tôrrez. Interdisciplinaridade no ensino em saúde: o olhar do preceptor na Saúde da Família. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 18, n. 49, p. 337-350, Junho 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000200337&lng=en&nrm=iso>. acesso em 16 Out. 2017.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 9 nov. 2001. Seção 1, p. 37. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>. acesso em: 16 Out. 2017.

BUBLITZ, Susan et al. Perfil sociodemográfico e acadêmico de discentes de Enfermagem de quatro instituições Brasileiras. **Rev. Gaúcha Enferm**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 77-83, Mar. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472015000100077&lng=en&nrm=iso>. acesso em 15 Out. 2017.

BUBLITZ, Susan et al. Estressores entre os acadêmicos de Enfermagem de uma Universidade Pública. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. (esp.2), p. 739-745, Dez. 2012. Disponível em <<http://www.facenf.uerj.br/v20nesp2/v20e2a08.pdf>>. acesso em 15 Out. 2017.

CORRÊA, Ludmilla Zangali de Mattos; SANTOS, Neuci Cunha dos; KOBİ, Mirian Costa Barbosa. Expansão dos cursos de graduação em enfermagem em Mato Grosso: implicações e desafios. *Rev. Eletr. Enf. [Internet].*, v. 16, n. 4, p. 744-753, out/dez. 2014. Disponível em <<https://www.fen.ufg.br/revista/v16/n4/pdf/v16n4a06.pdf>>. acesso em 21 de Out. 2017.

COSTA, S.M et al. *Perceptions of dental students regarding dentistry the job Market and the public health care system*, **Ciência &Saúde Coletiva**, v. 17, n. 5, p. 1285–1296, 2012.

COSTA, Kleber de Souza; FREITAS, Genival Fernandes; HAGOPIAN, Ellen Maria. Homens na enfermagem: formação acadêmica posterior à graduação e trajetória profissional. **Revenferm UFPE online**, Recife, v.11, n 3, p. 1216-26, mar, 2017. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/10032/pdf_2613>. acesso em 24 de Out. 2017.

DEDECCA, Claudio Salvadori; TROVAO, Cassiano José Bezerra Marques. A força de trabalho no complexo da saúde: vantagens e desafios. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p. 1555-1567, jun. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000600008&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 27 out. 2017.

DIAS, Ieda Maria Ávila Vargas et al. A tutoria no processo de ensino-aprendizagem no contexto da formação interprofissional em saúde. **Saúde debate**, v. 40, n. 111, p. 257-267, Dez. 2016. Disponível em <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042016000400257&lng=en&nrm=iso>. acesso em 27 Out. 2017.

FERNANDES, Josicelia Dumêt et al. Aderência de cursos de graduação em enfermagem às diretrizes curriculares nacionais na perspectiva do sistema único de saúde. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 82-89, Mar. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452013000100012&lng=en&nrm=iso>. acesso em 23 Out. 2017.

FERNANDES, Josicelia Dumêt; REBOUCAS, Lyra Calhau. Uma década de diretrizes curriculares nacionais para a graduação em enfermagem: avanços e desafios. **Rev. bras. enferm**, Brasília, v. 66, n. spe, p. 95-101, set. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700013&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 23 Out. 2017.

HIRSCH, Carolina Domingues et al. Fatores preditores e associados à satisfação dos estudantes de enfermagem. **Acta paul. enferm**, São Paulo, v. 28, n. 6, p. 566-572, Dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002015000600566&lng=en&nrm=iso>. acesso em 21 Out. 2017.

JESUS, Bruna Helena de et al. Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.17, n.2, p.336-345, Junho 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452013000200019&lng=en&nrm=iso>. acesso 25 Set. 2017.

LEITE, Maria Francilene et al. Extensão Popular na formação profissional em saúde para o SUS: refletindo uma experiência*. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1569-1578, 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000601569&lng=en&nrm=iso>. acesso em 23 Out. 2017.

LIMA, Cassio de Almeida et al. A teoria em prática: interlocução ensino-serviço no contexto da atenção primária à saúde na formação do(a) enfermeiro(a). **RevFundCare** [Online]., v. 8, n. 4, p. 5002-5009. out/dez. 2016. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2016.v8i4.5002-5009>>. acesso em Ago. 2017.

MACHADO Maria Helena et al. Mercado de trabalho na Enfermagem: aspectos gerais. **Enferm. Foco**, v.7, (ESP), p. 35-62, 2016. Disponível em <<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/691/301>>. acesso em 17 Ago. 2017.

MACHADO, Maria Helena; VIEIRA, Ana Luiza Stiebler; OLIVEIRA, Eliane. Construindo o perfil da Enfermagem. **Enferm.Foco**, v.3, n. 3, p. 119-122, 2012. Disponível em <<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/294>>. acesso em 20 Out. 2017.

MAFFISSONI André Lucas et al. VER-SUS Oeste Catarinense: vislumbrando um itinerário formativo em Enfermagem direcionado ao Sistema Único de Saúde. **Revenferm UFPE** [online]., Recife, v. 11, n. 2, p. 758-64, fev., 2017. Disponível em <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/10226/pdf_2737>. acesso em 22 de Jul. 2017.

MARTINI, Jussara Gue et al. Currículos de cursos de graduação em Enfermagem: revisão integrativa de literatura. **RevFundCare** [Online]., v. 9, n. 1, p. 265-272, jan/mar. 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2017.v9i1.265-272>>. acesso em 23 de Set. 2017.

MARCHIORO, Dauana et al. Estágio curricular supervisionado: relato dos desafios encontrados pelos (as) estudantes. **Arq. Cienc. Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 21, n. 2, p. 119-122, maio/ago. 2017. Disponível em <<http://www.revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/5912>>. acesso em 12 de Set. 2017.

MOURA, Ionara Holanda de et al. Qualidade de vida de estudantes de graduação em enfermagem. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 552-91, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472016000200407&lng=en&nrm=iso>. acesso em 01 Ago. 2017

OLIVEIRA Marília Rosa et al. Concepção de graduandos de enfermagem sobre a prática e saúde em primeiros socorros. **Rev Rene.**, v.16, n.2, p.150-158 mar/abr. 2015. Disponível em <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/1863/pdf>>. acesso em 22 de ago. 2017.

OLIVEIRA, Layse Braz; NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira; MOURÃO, Luana Feitosa. Perfil sociodemográfico do discente do curso de graduação em enfermagem. **Rev Enferm UFPI**, v.4, n.1, p. 33-39. Jan/Mar. 2015. Disponível em <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/2328/pdf>>. acesso em 21 de Out. 2017.

PAIM, Jairnilson Silva. **A Reforma Sanitária e o CEBES**. Rio de Janeiro: CEBES, 2012.

SALES, Patrícia Regina de Souza; MARIN, Maria José Sanches; SILVA FILHO, Carlos Rodrigues da Integração academia-serviço na formação de Enfermeiros em um hospital de ensino. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 675-693, Dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462015000300675&lng=en&nrm=iso>. acesso em 21 Out. 2017.

SANTOS, Cheila Matos; OLIVEIRA, Simone Maria Galvão. Estágio extracurricular como complemento das práticas em saúde na graduação. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 26, n. 2, p. 541-546, maio/ago. 2012. Disponível em <<https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/6284/6358>>. acesso em 23 Set. 2017.

SANTOS, Sueli Maria dos Reis et al. Licenciatura e bacharelado em enfermagem: experiências e expectativas de estudantes. **Rev. Gaúcha Enferm**, Porto Alegre, v. 32, n. 4, p. 711-718, Dez. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472011000400011&lng=en&nrm=iso>. acesso em 23 Out. 2017.

SOUZA, Delvane José et al. Estágio curricular supervisionado sob a óptica dos enfermeiros supervisores. **Rev Enferm Atenção Saúde** [Online]., v 6, n.1, p.39-51, Jan/Jun 2017. Disponível em <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/1677/pdf>>. acesso em 14 de Out. 2017.

WINTERS, Joanara Rozane da Fontoura; DO PRADO, Marta Lenise; HEIDEMANN, Ivonete Teresinha Schülter Buss. A formação em enfermagem orientada aos princípios do Sistema Único de Saúde: percepção dos formandos. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 248-253, Junho 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000200248&lng=en&nrm=iso>. acesso em 23 de Set. 2017.

VITORINO, Diego Fernando Paiva; HERTEL Luiz Valdinéia; SIMÕES, Ivanira Anselmo Ribeiro. Percepção de moradores de uma cidade de minas gerais sobre o profissional de enfermagem do gênero masculino. **Rev. Min. Enferm. Reme** v. 16, n. 4, p.528-537, out./dez., 2012. Disponível em <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/558>>. acesso em 24 de Out. 2017.

ARTIGO 2

GESTÃO E GERÊNCIA DE ENFERMAGEM NA SAÚDE PÚBLICA: perspectiva da capacidade de atuação do discente

A formação do Enfermeiro é um tema discutido na atualidade e isso se deve as transformações socioeconômicas que emergiram com a globalização. Neste sentido, percebe-se a necessidade de transformações emergentes nos currículos dos profissionais que atuam neste cenário, com base em um ensino que promova competências. Na atual conjuntura do mercado de trabalho, uma rede de gestão e gerência tende a se estruturar aumentando as possibilidades de emprego, e consequentemente, de profissionais enfermeiros executando tais funções. Objetivo geral: analisar as perspectivas das competências dos discentes de enfermagem para atuar nas atividades de gestão e de gerência nos serviços públicos de saúde. Trata-se de um estudo analítico, transversal e de abordagem quantitativa, realizado em 2016 com 150 graduandos de enfermagem de uma faculdade particular em Alagoas. Foi utilizado um questionário composto por 26 perguntas abertas e fechadas que versavam sobre o perfil sociodemográfico dos pesquisados, impressões dos sujeitos em relação ao curso, processo de ensino e aprendizagem, mercado de trabalho em enfermagem e saúde coletiva. Os dados foram coletados em 2016 e tabulados em planilha eletrônica *Microsoft Excel*® e analisados em software aplicativo *Statistical Package for Social Science - SPSS*®, versão 20. A amostra estudada apresentou idade média de 27 anos, sendo 88% composta pelo sexo feminino, 46% natural do interior de Alagoas; e do total dos pesquisados, 94% dedicariam 8h diárias de suas atividades laborais ao setor público. A capacidade de supervisão de enfermagem esteve presente em 80% dos estudantes, contudo existiu uma queda preocupante desta aptidão no 10º período, com apenas 26,7% dos estudantes referindo ter capacidade. Ações de planejamento de ações em saúde pública puderam ser observados com valores maiores a 74% para discentes que mantinham uma relação interpessoal no mínimo regular com os colegas. Existe dificuldade da utilização das ferramentas e instrumentos de gestão e gerência pelos discentes de Enfermagem, sugerindo-se maiores discussões e experiências práticas nas instituições de ensino na área de administração e gerência, a fim de aprimorar as competências dos egressos neste quesito.

Descritores: Gestão em Saúde; Organização e Administração; Educação em Enfermagem.

ABSTRACT

NURSING MANAGEMENT AND ADMINISTRATION IN PUBLIC HEALTH: PERSPECTIVES OF THE STUDENT'S PERFORMANCE ABILITY

Nurses' education is a current debated topic due to socio-economic transformation emerging from globalization. Thus, forthcoming transformations regarding professional curriculum within this area are necessary, based on an education that promotes competences. In the current labor market environment, a growing management and administration network tends to increase job possibilities and demand for nurses executing these functions. **General objective:** to analyze the perspectives of nursing students' capability in the management and administration of activities in the public health services. It is an analytical, cross-sectional and quantitative approach study, conducted in 2016, with 150 nursing undergraduate students of a private institution in Alagoas. A questionnaire containing 26 objective and subjective questions concerning socio-demographic profile of subjects and their impression about the course, teaching and learning process, nursing job market and collective health. Data was collected, tabled into a *Microsoft Excel®* electronic spreadsheet, and analyzed via application software, *Statistical Package for Social Science - SPSS®*, version 20. Subjects studied were in average 27 year-old, 88% were female, 46% were from the countryside of the state of Alagoas, and 97% out of the entire sample dedicated 8 hours per day with labor activities within the public sector. Nursing supervision capability was present in 80% of students; however, there was a concerning decrease of this ability in the 10th semester, when only 26.7% of students were affirmative. Planning actions in public health were more present within 74% of students who had (at least) regular interpersonal relationship with colleagues. It is difficult to nursing students to use management and administration tools and devices, suggesting need for discussions and practical experiences in educational institutions of administration and management, in order to improve students' ability toward this issue.

Key-words: Health Management; Organization and Administration. Nursing Education.

2 INTRODUÇÃO

A formação do Enfermeiro é um tema discutido na atualidade e isso se deve as transformações socioeconômicas que emergiram com a globalização. O crescente avanço tecnológico, científico e industrial, associado à facilidade do acesso às informações e a comunicação, promoveram mudanças na sociedade e nos setores que a compõem, dentre eles o setor saúde. A dinâmica das organizações de saúde tende a estar em mudança contínua, adaptando-se a cada novo modelo de assistência que se vincula às características e aos comportamentos da sociedade (DIAS et al., 2017).

Neste sentido, percebe-se a necessidade de transformações emergentes nos currículos dos profissionais que atuam neste cenário, com base em um ensino que promova competências, como proposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Enfermagem (DCN/ENF), atualmente em vigor, a partir da resolução nº 03 de novembro de 2011. Tal proposta surge como reflexo a um mercado de trabalho no SUS exigente e diversificado com necessidade de aprimorar e qualificar os profissionais para o desenvolvimento de competências e habilidades voltadas para a atenção à saúde, tomada de decisão, liderança, trabalho em equipe, comunicação, educação permanente, administração e gerenciamento, consideradas essenciais para essa formação (CHALITA et al., 2016; BRASIL, 2001).

Quanto aos aspectos da empregabilidade, segundo Melo et al. (2016) o setor privado até o ano de 2000 era o maior empregador no âmbito da saúde, e seu percentual correspondia a 54% dos vínculos. No entanto, nas últimas décadas, o mercado de trabalho do Sistema Único de Saúde (SUS) apresentou crescimento significativo com aumento no número de empregos formais, e tais aspectos tiveram influências pelo aumento na acessibilidade aos serviços de saúde proposto por princípios e diretrizes desse sistema, bem como pela municipalização de sua rede de assistência.

A descentralização dos serviços de saúde, que teve ênfase no processo de municipalização, foi um dos marcos que promoveram aos municípios competências administrativas e financeiras para que criassem ações de saúde pautadas nas necessidades locais e de acordo com as interações entre esses municípios. A legalidade desse processo vem acontecendo desde as Normas Operacionais Básicas (NOB 01 e NOB 96) e vigoram a cada nova política de saúde (BARRETO; SOUZA, 2016; MOURA; PINTO; ARAGÃO, 2016).

Nessa conjuntura, uma rede de gestão e gerência se estruturou aumentando às disponibilidades para o exercício laboral, não só na área assistencial, mas em cargos administrativos e gerenciais. Não obstante, o gerenciamento já é parte do processo de trabalho da enfermagem por anos, visto que Enfermeiros tentam conciliar os modelos administrativos ao seu cotidiano, cujo papel principal consiste no cuidar ao paciente. O gerenciamento do cuidar é complexo e exige uma visão de administração do macroambiente e microambiente de trabalho onde essas vertentes se inter-relacionam possibilitando o cuidado direto e indireto ao cliente (MADUREIRA et al., 2016).

Sobre as bases conceituais dos termos gestão e gerência, no campo laboral, as funções de gestão em saúde representam o conhecimento aplicado no manejo das organizações como um todo, na capacidade de gerir um sistema maior, onde estão inseridos aspectos gerenciais que consideram os diagnósticos situacionais locais de redes, esferas públicas, hospitais, laboratórios, clínicas e demais instituições e serviços de saúde. Os profissionais tendem a planejar, prevenir, prover e controlar os recursos materiais e humanos para o bom funcionamento do serviço. Além disso, essa prática desenvolve a gerência do cuidado com habilidades cognitiva, analítica, comportamental e com habilidade de ação (DIAS et al., 2017; CELEDÔNIO et al., 2017).

No mundo pós-moderno a aquisição da competência gerencial é possível e deve basear-se nos ensinamentos produzidos pela experiência individual, a partir das vivências do serviço em que se atua. Todos os profissionais do setor saúde deverão ser dotados dessa competência e, principalmente, de competência do conhecimento, onde as propostas que compõem o SUS deverão ser largamente estudadas, praticadas e defendidas (BARRETO; SOUZA, 2016).

Um ambiente favorável para este aprimoramento é durante a graduação, e o curso de Enfermagem é um dos poucos, na área da saúde, que possui nas diretrizes curriculares carga horária específica para as disciplinas de administração. Essa possibilidade de formação favorece a articulação com os diferentes saberes sendo capaz de construir uma prática profissional que referencia, não somente a troca de conhecimentos e habilidades, mas também no aprimoramento de atitudes pessoais e relacionais que visam um projeto comum para a transformação da realidade em saúde (DIAS et al., 2017; CHALITA et al., 2017).

Em um estudo realizado por Peiter, Caminha e Oliveira (2017) que traçou o perfil dos gerentes nos serviços da Atenção Primária à Saúde (APS) a partir das publicações entre os anos de 2006 a 2015, observou-se a forte presença de enfermeiros, estando justificada pelas

habilidades de integrar cuidados em saúde, associando gerência e assistência. Dessa forma, parece necessário que as Instituições de Ensino Superior (IES) formem egressos de Enfermagem com competências nas áreas administrativas e gerenciais, pois esses aspectos fazem parte do campo de atuação prático dessa categoria. Diante disso, surgiu a seguinte questão norteadora da pesquisa: quais as perspectivas de competências dos discentes de enfermagem para atuar na gestão e na gerência dos serviços públicos de saúde?

A hipótese que se apresenta, é que, devido as insuficientes discussões e atividades práticas nas disciplinas de Administração de Enfermagem, os alunos não obtêm às competências necessárias para desempenhar as complexas atividades de gestão e gerência tendo dificuldades de atuação como egressos no mercado de trabalho (SOUZA & SOUZA et al., 2015)

O estudo tem como objetivo geral analisar as perspectivas de competências dos discentes de enfermagem para atuar nas atividades de gestão e de gerência dos serviços públicos de saúde.

A justificativa parte da compreensão de que devido o atual cenário político e social e diante das exigências de atuação no mercado de trabalho para Enfermagem, faz-se necessário que esses profissionais adquiram habilidades e competências para atuar como gestores das organizações de saúde ou gerentes das unidades em que estejam inseridos, visto que, tais atividades tendem a ser incorporadas cada vez mais em suas atividades laborais, além dos aspectos técnicos e práticos da profissão. Se o curso de Enfermagem dispõe de uma disciplina em seu projeto político pedagógico que trabalha tais aspectos e que são fortalecidos pelo que propõe as DCN/ENF, então a tomada de decisão, o planejamento, a comunicação, a liderança, a administração, o gerenciamento e a educação permanente já devem fazer parte das competências e habilidades dos discentes.

2.1 MÉTODOS

Trata-se de um estudo analítico, transversal e de abordagem quantitativa realizado em 2016 com graduandos de enfermagem de uma faculdade particular em Alagoas. Em função da pesquisa, os discentes foram distribuídos entre os 10 períodos do curso visando garantir a participação dos vários níveis de desenvolvimento acadêmico que compõem o curso de enfermagem. A amostra foi composta por 15 estudantes para cada período resultando em um total de 150 pesquisados.

Os graduandos responderam a um questionário produzido e já reconhecido através da literatura nacional e internacional, adaptado ao curso de Enfermagem (COSTA, 2009) composto por 26 perguntas abertas e fechadas, e dividido em 05 partes: perfil sociodemográfico dos pesquisados, impressões dos sujeitos em relação ao curso, processo de ensino e aprendizagem, mercado de trabalho em enfermagem e saúde coletiva (SUS e ESF) (ANEXO I). O questionário foi entregue em sala de aula pela pesquisadora que se encontrava disponível para a retirada de dúvidas e aceite de possíveis desistências durante o preenchimento do questionário. O tempo médio para preenchimento do instrumento foi de 15 minutos.

Os dados coletados na pesquisa foram tabulados em planilha eletrônica *Microsoft Excel*® e analisados em software aplicativo *Statistical Package for Social Science - SPSS*®, versão 20. As análises foram realizadas com base no tipo de dado (nominal, ordinal, contínuos e discretos) e para a análise estatística descritiva foram calculados os dados: frequência, média, desvio-padrão, erro padrão da média e Intervalo de Confiança de 95%. No que concerne à análise inferencial foram utilizados os teste Qui-quadrado, seguido do Teste Exato de Fisher em casos dos valores esperados menores de 5. Para comparação de médias entre os grupos foi utilizado o teste t de *student* de amostras independentes. Para todas as análises as diferenças entre os grupos foram consideradas significativas e apresentaram valores de $p < 0,05$. Foram consideradas as diferenças detectadas das variáveis entre os grupos que se percebiam capazes em realizar atividades relacionadas à sua atuação no SUS.

O projeto foi aprovado pelo CEP da Faculdade Estácio de Alagoas com processo número 1.380.775 e CAAE: 46912515.4.0000.5012 em 23 de Dezembro de 2015.

2.2 RESULTADOS

A amostra estudada foi composta de 150 alunos de enfermagem, que apresentaram a idade média de 27 anos (média de 27,87 min-max de 17 – 53; desvio padrão 7,181), sendo 88% composta pelo sexo feminino com 46% natural do interior de Alagoas (Tabela 1).

Tabela 1 – Dados referentes à caracterização dos sujeitos pesquisados – Maceió (AL) – 2016.

	N	%	Média	Mín. - Máx	Desvio padrão
Idade	150		27,87	17 - 53	± 7,181
Sexo					
Feminino	132	88			
Masculino	18	12			
Naturalidade					
Maceió	66	44			
Interior de Alagoas	69	46			
Outras capitais	6	4,3			
Outras cidades do interior do Brasil	8	5,7			
Período	150	100			

Fonte: construído pela autora, 2016

Em relação à capacidade do curso em preparar para o mercado de trabalho, 82% dos estudantes afirmaram estar supridos em relação a sua formação em Enfermagem. Foi referido também que dedicariam 8h diárias de suas atividades laborais ao setor público (94%) (Tabela 2).

Tabela 2 – Frequência da capacidade do curso em preparar para o mercado de trabalho, com dedicação de 8h diárias de suas atividades laborais ao setor público – Maceió (AL) – 2016.

	Capacidade do curso em preparar para o mercado de trabalho	
	N	(%)
Sim	123	82
Não	10	6,7
Não sei	17	11,3
	Dedicaria 8 horas de trabalho diárias ao serviço público	
	N	(%)
Sim	141	94
Não	9	6

Fonte: construído pela autora, 2016.

Outro dado importante quanto a expectativa de atuação é que 24,7% deles, após a graduação, têm expectativas de trabalhar exclusivamente no setor público (Tabela 3).

Tabela 3 – Frequência da expectativa de trabalho após a graduação – Maceió (AL) – 2016.

	Expectativa de trabalho após a graduação	
	N	(%)
Setor Público	37	24,7
Setor Privado	2	1,3
Setor público e privado	104	69,3
Magistério	4	2,7
Administração dos serviços de saúde	1	0,7
Pesquisa	2	1,3

Fonte: construído pela autora, 2016.

Em relação à associação entre a capacidade de realizar supervisão da equipe de Enfermagem na saúde pública de acordo com o período do curso, observou-se que existiu diferença estatística ($p = 0,02$) nos vários períodos do curso em relação à capacidade de supervisionar a equipe de enfermagem. Observou-se que somente a partir do 7º período começaram a existir valores maiores de 80% dos estudantes que se percebia com esta capacidade. Contudo, existiu uma queda preocupante desta aptidão no 10º período, com apenas 26,7% dos estudantes referindo ter capacidade de realizar supervisão da equipe de Enfermagem na saúde pública (Tabela 4).

Tabela 4 - Capacidade de realizar a supervisão da equipe de enfermagem na saúde pública com o período do curso – Maceió (AL) – 2016.

Período	Capaz de Realizar supervisão da Equipe de Enfermagem na saúde pública.				p valor	OR	IC95%
	Sim		Não				
	N	%	N	%			
1	4	26,7	11	73,3	0,02	-	-
2	5	33,3	10	66,7			
3	4	28,6	10	71,4			
4	6	40	9	60			
5	5	31,3	11	68,8			
6	7	46,7	8	53,3			
7	12	80	3	20			
8	9	60	6	40			
9	10	66,7	5	33,3			
10	4	26,7	11	73,3			

*Realizado Teste Exato de Fisher considerando significância de $p < 0,05$.

Quando se avaliou a relação entre a capacidade de realizar planejamento de ações em saúde pública visando melhorar o serviço e atividades em saúde com a interação entre os relacionamentos acadêmicos, percebeu-se que esta capacidade recebeu interferência a depender das relações interpessoais com os colegas. Notou-se que quando os relacionamentos

eram excelentes/ótimo, bom ou regular a capacidade de realizar planejamento de ações em saúde pública eram mais presentes, com valores maiores de 74% (regular). E percebeu-se também que valores maiores que este foram obtidos em relacionamentos melhores. Esta diferença estatística foi detectada pelo valor de $p = 0,008$.

Tabela 5 - Associação entre a capacidade de realizar planejamento de ações em saúde pública visando a melhoria do serviço e sua relação com os relacionamentos interpessoais – Maceió (AL) – 2016.

	Capaz de realizar planejamento de ações em saúde pública visando melhorar o serviço.				p valor	OR	IC95%
	Sim		Não				
	N	%	N	%			
Participar de ações de Extensão e Pesquisa							
Pesquisa	11	100	0	0	0,05	-	-
Extensão	23	92	2	8			
Nenhuma	87	76,3	27	23,7			
Atividades educativas mais prazerosas no curso							
Aulas teóricas	18	90	2	10	0,667	-	-
Aulas prática	93	78,8	25	21,2			
GD	6	85,7	1	14,3			
Seminários	2	66,7	1	33,3			
Jornada	2	100	0	0			
Relacionamento com professores							
Excelente/Ótimo	47	88,7	6	11,3	0,205	-	-
Bom	31	91,6	7	18,4			
Regular	38	73,1	14	26,9			
Ruim							
Relacionamento com colegas							
Excelente/Ótimo	39	86,7	6	13,3	0,417	-	-
Bom	34	82,9	7	17,1			
Regular	43	75,4	14	24,6			
Ruim	5	71,4	2	28,6			
Relacionamento com colegas							
Excelente/Ótimo	42	93,3	3	6,7	0,008	-	-
Bom	25	83,3	5	16,7			
Regular	50	74,6	17	42,9			
Ruim	4	57,1	3	42,9			
Péssimo	0	0	1	100			

*Realizado teste exato de Fisher considerando $p < 0,05$.

Quanto a associação da capacidade de realizar reuniões administrativas com gestores, profissionais e usuários de saúde, para tratar de assuntos da saúde pública e sobre a percepção sobre mercado de trabalho em Enfermagem e sobre Saúde Coletiva, observou-se que, sobre esta questão, nenhuma das variáveis teve significância estatística, pois todos os valores de p apresentados foram sempre maiores que 0,05 (parâmetro de significância estabelecido) (Tabela 6).

Tabela 6 - Associação entre a capacidade de realizar reuniões administrativas com gestores, profissionais e usuários de saúde, para tratar de assuntos da saúde pública e a percepção sobre mercado de trabalho em enfermagem e sobre a saúde coletiva – Maceió (AL) – 2016.

	Reuniões administrativas com gestores, profissionais e usuários de saúde, para tratar de assuntos da saúde pública							
	Sim		Não		P valor	OR	IC 95%	
	N	%	N	%				
Expectativa de trabalho depois da graduação								
Setor público	20	13,3	17	11,3				
Setor privado	2	1,3	0	0,0				
Setor público e privado	56	37,3	48	32				
Magistério	2	1,3	2	1,3				
Administração dos serviços de saúde	1	0,7	0	0,0				
Pesquisa	1	0,7	1	0,7				
O curso de enfermagem da Estácio FAL está capacitando para a inserção no atual mercado de trabalho								
Sim	71	47,3	52	34,7	0,18*	-	-	
Não	3	2	7	4,7				
Não sei	8	5,3	9	6				
O mercado de trabalho está propício aos futuros enfermeiros assistenciais								
Sim	57	38	47	31,3	0,32*	-	-	
Não	15	10	17	11,3				
Não sei	10	6,7	4	2,7				
Onde gostaria de exercer a profissão								
Interior de Alagoas	30	20	29	19,3	0,382*	-	-	
Maceió	30	20	18	12				
Grandes centros	9	6	12	8				
Não sei	9	6	4	2,7				
Outro	4	2,7	5	3,3				
Pretende especializar								
Sim	82	54,7	67	44,7	0,453*	0,45	0,37 - 0,53	
Não	0	0,0	1	0,7				
Possui alguma experiência de ensino no SUS								
Sim	61	40,7	41	27,3	0,14	1,91	0,95 - 3,83	
Não	21	14	27	18				
Sente-se preparado para atuar no SUS								
Sim	65	43,3	48	32	0,15	1,59	0,75 - 3,36	
Não	17	11,3	20	13,3				
Faria as disciplinas que envolvem o conteúdo da Saúde Coletiva se optativas.								
Sim	77	51,3	61	40,7	0,26	1,76	0,53 - 5,84	
Não	5	3,3	7	4,7				

*Realizado teste exato de Fisher considerando $p < 0,05$.

2.3 DISCUSSÃO

A predominância da faixa etária no estudo em questão foi de 27 anos, aproximando-se dos resultados de outra pesquisa realizada por Mourão et al. (2015), onde a média da idade dos alunos estava entre 21 a 26 anos, o que correspondeu a 93,2% dos graduandos de Enfermagem. Isso indica que os jovens têm iniciado, cada vez mais cedo o ensino superior, concluindo suas atividades universitárias, são inseridos no mercado de trabalho, porém muitas vezes sem maturidade emocional para exercer as responsabilidades advindas da profissão.

Um estudo realizado com enfermeiros recém-graduados em Montes Claros, Minas Gerais, revelou que às principais dificuldades encontradas no processo de liderança e gestão envolveram a superação do preconceito da limitada experiência e a pouca idade, afim de obter a credibilidade da equipe na mudança de papel. Outro aspecto que se observa nas graduações em enfermagem é o número moderado de evasões que pode estar relacionada, muitas vezes, com a imaturidade para a escolha da profissão (SOUZA & SOUZA et al., 2015; BUBLITZ et al., 2015)

Em relação a predominância dos sexos a Enfermagem ainda é considerada feminina, visto que 90% da categoria ainda é composta por mulheres, contudo existe uma tendência para a ascensão de profissionais e de estudantes do sexo masculino nos últimos anos, trazendo novos direcionamentos para a formação (MACHADO et al., 2016). Na pesquisa em questão 12% dos discentes são do sexo masculino (Tabela 1), esse novo perfil na área de enfermagem, foi fato evidenciado em outro estudo com 276 graduandos do curso de Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UVA em Sobral- CE, onde a presença masculina compreendeu a 21,4% (59) do total dos estudantes. Percebe-se assim uma inclinação do mercado, que vem desde 1990, caminhando para a igualdade de gêneros na profissão, desmistificando a cultura histórica de a Enfermagem ser uma profissão exclusiva das mulheres (XIMENEZ NETO, 2017).

No perfil dos alunos da IES estudada é que a maioria (46%) dos pesquisados (Tabela 1) são do interior do Estado de Alagoas. Tal perfil deve-se a ampliação do número de vagas nos cursos de graduação que se deu em determinado estágio de desenvolvimento do SUS. Devido ao novo modelo de atenção à saúde foi necessário um aumento de profissionais de enfermagem para atender as necessidades do mercado de trabalho voltadas para o contexto político e social.

A expansão dos programas na Atenção Básica a Saúde (ABS), como a implantação da Estratégia Saúde da Família (ESF) e do Núcleo de Apoio a Estratégia da Família (NASF), a partir do processo de municipalização que levou a iminência de um maior número de profissionais de nível superior. No entanto, com isso, surgiu um número excessivo de cursos de graduação em Enfermagem, apontando para uma reflexão sobre a qualidade desse ensino e com que competências estariam sendo formados estes profissionais (XIMENES NETO et al., 2017).

Além disso, Barros Neto e colaboradores (2014) apontam que a sobrecarga de profissionais enfermeiros disponíveis no mercado de trabalho favorece a diminuição da média salarial, aumenta as fragilidades dos vínculos empregatícios, além de que, existe o risco de o excedente, muitas vezes, aceitar formas de trabalhos e salários precários.

Outra questão identificada nessa pesquisa foi à satisfação dos acadêmicos quanto a sua formação para o mercado de trabalho onde 82% dos discentes da IES pesquisada (Tabela 2) afirmam sentirem-se satisfeitos. Quanto a este quesito, sabe-se que o meio acadêmico proporciona ao aluno situações diárias que demandam mudanças e adaptações que podem ser avaliadas como estressoras e, tal situação pode ocasionar nessa população, problemas no rendimento acadêmico e na qualidade da assistência prestada (BUBLITZ et al. 2012).

Bublitz e colaboradores (2012), em pesquisa realizada com 130 graduandos de enfermagem, na qual avaliou os fatores mais estressantes da vida acadêmica, a formação profissional estava no 4º domínio mais estressante dentre os 6 domínios estudados (realização de atividades práticas, comunicação profissional, gerenciamento de tempo, ambiente, atividades teóricas e a formação profissional). Esse domínio, apontava para os aspectos relacionados a preocupação do aluno com o conhecimento adquirido na fase da formação acadêmica para o impacto dessa formação no futuro profissional e em direção da percepção das possíveis atividades a serem desenvolvidas após formados. Como a maior parte dos discentes da pesquisa em questão apontam com positividade quanto a este quesito, infere-se que a IES estudada vem contribuindo para o bom desenvolvimento desses aspectos.

Foi referido pelos pesquisados que 94% (Tabela 2) deles dedicariam 8h diárias de suas atividades laborais ao setor público após a graduação. Tal dado reflete o que Machado e colaboradores (2016) mostraram em sua pesquisa que traçou o perfil da Enfermagem no Brasil. Dos 414.000 enfermeiros com registro ativo no Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), constataram que 270 mil destes enfermeiros atuavam (65,3%) no setor público, mesmo sendo as atividades no âmbito hospitalares as mais exercidas neste setor. Por outro

lado, verifica-se que na atual conjuntura, o cenário público tomou um significado particular e diferenciado dos demais, pois envolve a produção de bens e serviços da Enfermagem, sendo o maior empregador da categoria.

A Reforma Sanitária Brasileira (RSB), o princípio da descentralização e da municipalização, levaram as mudanças na organização, no funcionamento e na gestão dos serviços, com expansão dos empregos públicos na esfera municipal. O modelo de atenção a saúde passou a focar suas ações na ABS, com adesão dos municípios à ESF e aos demais programas voltados a essa rede de cuidados, como consequência, a força de trabalho na saúde tornou-se essencialmente vinculada aos municípios, com diminuição da importância e de empregos na esfera federal. Ressalta-se que em, 1992, os municípios representavam 41,6% do total dos empregos públicos e, em 2005, subiram sua participação para 68,8% (SANTINI et al., 2017). Sendo assim, quanto às expectativas dos possíveis egressos da IES estudada, no que se refere ao ingresso do serviço público, o poder municipal parece ter maior capacidade de absorção.

Porém, há de se enfatizar aqui que em um estudo onde se avaliou a inserção do recém-formado no mercado de trabalho, apenas 17,1% deles tiveram êxito por meio de concursos públicos e 8,5% conseguiu atuar neste cenário por indicação de colegas. Assim, é perceptível que o egresso do curso de Enfermagem precisa estar bem preparado para a realização de concursos, ter uma postura profissional adequada e, também, possuir boa rede de relacionamentos interpessoais a fim de facilitar sua absorção nesta esfera (JESUS et al. 2013).

Quanto a expectativa de trabalhar exclusivamente no setor público apenas 24,7% (Tabela 3) deles afirmam querer esta realidade, talvez isso deva-se a ideia que Machado e colaboradores trazem em seu estudo (2016, p.38), tal seja, a do "mito do múltiplo emprego" onde profissionais do setor saúde têm a potencialidade de atuarem em vários locais. Diferentemente do esperado, neste mesmo estudo, foi observado que 58%, ou seja, mais da metade dos enfermeiros com vínculo COFEN informaram ter apenas um emprego, refletindo uma certa escassez de oferta de vagas para absorção da categoria profissional.

O movimento que se observa é um desequilíbrio em entre a oferta de empregos e a demanda de profissionais que vem se intensificando a partir do crescimento dos cursos de graduação em enfermagem e, conseqüentemente, do número de egressos que são lançados no mercado de trabalho a cada ano. Em uma pesquisa realizada com enfermeiras na busca do primeiro emprego viu-se a existência de sofrimento psíquico em 18,1 % das entrevistadas, as

quais apresentavam sintomas de depressão por estarem desempregadas há mais de 18 meses após a conclusão da graduação (BARROS NETO et al., 2014; SILVA; MARCOLAN, 2015).

É importante observar que, mesmo somando as vagas do setor público com as do privado, elas são insuficientes para absorver o grande percentual de profissionais, levando a uma relação prejudicial entre a expansão de cursos e a empregabilidade, o que configura um “exército de reserva”. Além disso, a mudança e a reestruturação do mercado de trabalho levou às terceirizações e contratos temporários com redução dos postos de trabalhos, e quando esses são ofertados, apresentam-se como precários, informais, subempregos e com perdas salariais (SILVA; MARCOLAN, 2015).

Outro problema citado por Silva e Marcolan (2015) que pode contribuir para atual condição de desemprego dos egressos está relacionada a formação. O primeiro emprego é um passo desafiador que acompanha o profissional, nesse sentido, em uma pesquisa realizada por Souza & Souza et al. (2015) com recém-formados de Enfermagem, viu-se nas falas dos indivíduos em questão que a formação não abordou, por exemplo, toda complexidade que envolve a gerência de pessoas e processos em saúde, algo peculiar da competência do profissional Enfermeiro. A liderança em enfermagem foi uma temática presente nas discussões da graduação, porém com pouco tempo de estágio na disciplina de administração, sendo enfatizado por eles o despreparo em lidar com a complexidade dos aspectos políticos e interpessoais intrínsecos na atual conjuntura do mercado de trabalho.

Ainda sobre o caráter administrativo e gerencial do exercício profissional dessa categoria, enfatiza-se a supervisão de enfermagem que emerge como um instrumento de gerência privativo do Enfermeiro. Essa ferramenta é capaz de promover um planejamento, uma implementação e uma avaliação do cuidado integral ao usuário e tem a finalidade de definir as relações de trabalho, objetivando uma orientação ao trabalho da equipe de Enfermagem. Nesse sentido, o Enfermeiro supervisor deve manter uma postura ética, com atitude imparcial, flexível e de liderança (CHAVES et al. 2017; CELEDÔNIO et al., 2017). Nesse quesito, 80% (Tabela 4) dos pesquisados, no estudo em questão, afirmaram ter a capacidade de exercer essa competência podendo ser observada a partir do 7º período.

A liderança refere-se à competência de buscar cotidianamente mudanças necessárias para garantir a qualidade da assistência aos usuários, sem esquecer dos fatores organizacionais e das necessidades da equipe. Assim, a supervisão em enfermagem pode variar de acordo com o local, a cultura institucional e o nível de atenção na qual se desenvolve, tendo influência também das competências e habilidades do supervisor que são determinadas pelo

conhecimento científico, pela prática clínica, de gerenciamento, de comunicação, de ética, do comportamento profissional, da capacidade de ensinar e de apoiar a equipe. No Brasil, o enfermeiro desenvolve esta supervisão, obrigatoriamente, sobre o nível técnico e elementar, estando inseridos dentre os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) (CELEDÔNIO et al., 2017; FARAH et al., 2016).

Em um estudo onde, objetivou-se compreender a percepção de enfermeiras sobre sua atividade de supervisão de enfermagem na Atividade Primária em Saúde (APS), a partir das suas falas, a maioria das pesquisadas responderam que realizavam essa função cotidianamente, sendo uma ação importante no processo de trabalho, independentemente da alocação funcional que a enfermeira exerça. Tal função foi destacada como uma ferramenta gerencial que possibilita acompanhar e contribuir na educação permanente e no desempenho dos profissionais da equipe de enfermagem, com a finalidade de melhorar a qualidade da assistência a ser prestada aos usuários do sistema. Porém, referenciaram uma sobrecarga de funções, visto ter que realizar também as atividades assistenciais (FARAH et al., 2016).

Um fator preocupante no estudo em questão, foi que a capacidade de realizar a supervisão da equipe diminuiu nos alunos dos 10º períodos (26,7%) (Tabela 4). Sobre tal fato, Hirsch et al. (2012) perceberam comportamento semelhante em sua pesquisa com estudantes de enfermagem dos últimos períodos do curso que apontaram uma insatisfação com as questões de currículo e do ensino, quando comparados aos estudantes mais jovens. Para tais autores, possivelmente isso se deu, por tais discentes já estarem a mais tempo em contato com o ambiente formativo, tanto teórico como prático, o que lhes permite uma visão mais abrangente e crítica do processo de ensino-aprendizagem.

Outra atividade presente nas práticas da gestão e gerência de enfermagem é o planejamento das ações em saúde, sendo uma das ferramentas utilizadas por enfermeiros e demais profissionais do setor. O Planejamento Estratégico em Saúde (PES) é um instrumento que tem o propósito de buscar a melhor forma de gerenciar ações que envolvem as instituições, de forma que as decisões atuais reflitam de maneira positiva e eficaz no futuro. Nas instituições públicas os profissionais de saúde que atuam na gestão/gerência de órgãos e setores da saúde, voltam-se para concretização de objetivos sociais através do uso prático desse instrumento (SILVA; BASSI, 2013).

É uma ferramenta útil, flexível e eficaz para lidar com as necessidades da direção em cada lugar da administração pública, pois focaliza os problemas a partir de uma realidade sobre a qual se pretende agir, onde é necessário considerar os vários sujeitos que compõe

estes cenários conferindo diferentes sentidos e graus de relevância aos problemas identificados. O ato de planejar envolve um exercício de razão e de sensibilidade, que engloba atividades de maior ou menor complexidade no cotidiano de trabalho e, sob essa ótica, propicia a construção de planos para enfrentar situações atuais ou futuras, assim toda atividade organizacional deve preceder de um planejamento (SANTOS, 2016).

Como já mencionado, a ação de planejamento em saúde dá-se de maneira articulada entre os sujeitos do contexto onde se quer intervir. Sobre as relações interpessoais, necessárias a esse processo, foi observado na atual pesquisa, que dos estudantes que apontaram ter um relacionamento com os colegas, no mínimo, regular 74% deles (Tabela 5) tinham mais possibilidades de desenvolver planejamento de ações em saúde pública.

Para Trajano et al. (2017) o ambiente de trabalho em saúde tem suas particularidades, pois apresentam relações hierárquica e verticalizadas entre as diferentes categorias, resultando em alguns sentimentos negativos, como o de desvalorização. Nesse contexto, há realidades em que a equipe de enfermagem vivenciam relações interpessoais que surgem como geradoras de insatisfação e esta relação pode interferir na qualidade dos diálogos e de ações administrativas, como o planejamento em saúde, assim como na qualidade da assistência prestada.

Um ambiente favorável para aprofundar essas relações interpessoais, bem como para resolver problemas locais são as reuniões com a equipe de saúde e demais atores do processo. De acordo com Santos e colaboradores (2017) nas reuniões em equipe é possível proporcionar maior clareza sobre os papéis no processo de trabalho, proporcionando tarefas coletivas, necessárias para a eficiência e eficácia das práticas de saúde. Tais momentos são comuns no contexto do trabalho em saúde, além de que, o modo como são realizadas estas reuniões poderá trazer conteúdos de inovação. Sobre a capacidade de reuniões entre gestores, profissionais e usuários para tratar de assuntos da saúde pública os discentes do estudo em questão referem aptidão para desenvolver tal atividade (Tabela 6).

As reuniões são ferramentas estimuladas pela Política Nacional de Humanização (PNH), a partir de uma de suas diretrizes que é a cogestão. A proposição da humanização estabelece o cultivo da ética de emancipação dos sujeitos, efetivada a partir do diálogo construído de maneira compartilhada, onde os participantes estejam comprometidos na gestão do processo de trabalho para debater e construir estratégias que melhorem o acesso e a qualidade dos serviços de saúde, em todos os níveis assistenciais, a fim de melhorar as relações estabelecidas entre os trabalhadores, os gestores e os usuários (BECCHI et al., 2013).

Ainda sobre a necessidade de competências administrativas e gerenciais para enfermeiros, em estudo realizado por Celedônio et al. (2017) que objetivou analisar a gestão do processo de trabalho dos gerentes das Unidades Básicas de Saúde (UBS), foi observado a unanimidade da amostra com Enfermeiros na função de gerente e coordenador da unidade. Essa prática é regulamentada pelo COFEN, que estabelece atribuições de chefia, planejamento, organização, coordenação e avaliação dos serviços de enfermagem, sendo a comunicação um dos principais instrumentos do exercício gerencial.

Essa aptidão para comunicar-se é capaz de conseguir a reunião de pessoas em torno de projetos, metas, objetivos e processos de trabalho e de obter resultados significativos, motivando o grupo e criando um clima de trabalho favorável. Os enfermeiros assumem esta função devido a sua formação profissional, com capacidade técnico-administrativa que baseado nas DNC/ENF traz como competências gerais: a atenção à saúde, tomada de decisão, comunicação, liderança, administração e gerenciamento; e educação permanente (CELEDÔNIO et al., 2017; LEAL; CAMILO; SANTOS, 2017).

Pressupondo que esses aspectos sejam essenciais no processo de trabalho do enfermeiro, cabe às IES proporcionar ao estudante, através de disciplinas de administração e gerenciamento, o exercício da capacidade de planejar, organizar, dirigir e avaliar o processo de trabalho da enfermagem, oportunizando práticas reais para a realização das condutas técnico-científicas, ético-políticas e socioeducativas, de forma a permitir a formação de sujeitos capazes de transformar a realidade pessoal, trabalhista e social (LEAL; CAMILO; SANTOS, 2017).

2.4 CONCLUSÃO

As competências e habilidades relativas a função gerencial e de gestão são partes inerentes ao exercício profissional do Enfermeiro, portanto parece ser necessário que se discutam às modificações que estão ocorrendo no mundo do trabalho e no setor saúde, se baseando nas realidades da clientela para construção de um perfil profissional mais eficiente.

Realidades como a de concluir o nível superior, na atual conjuntura trabalhista, não garante a empregabilidade, mesmo havendo uma maior demanda de empregos no setor público, as vagas disponíveis não acompanham o crescente do número de profissionais de Enfermagem que vem sendo inseridos todos os anos no mercado de trabalho.

Ademais, mesmo para aqueles que conseguem se inserir neste mercado, aspectos da formação são pertinentes para garantir a conquista e a manutenção da atividade laboral, além da qualidade de atuação dos processos que compõe o setor saúde, como por exemplo, na gestão e gerência dos serviços de saúde.

As competências relativas a essas áreas, como supervisão de enfermagem, trouxeram uma preocupação importante, e evidenciaram nesta pesquisa, que os alunos do último período do curso, obtiveram uma diminuição considerável da capacidade na citada área, talvez por já vivenciarem uma realidade prática e perceberam quão complexo é gerenciar uma equipe. Portanto sugere-se maiores discussões e experiências práticas nas instituições de ensino, na área de administração e gerência, a fim de aprimorar essas competências nos egressos.

Além disso, parece importante trabalhar as ferramentas de planejamento em saúde de uma forma que os discentes possam, aliados a isso, melhorar suas relações interpessoais, como no que se refere a atitudes de liderança, tomadas de decisão e criatividade. Nessa direção, a questão do relacionamento interpessoal é importante, pois, como referenciado na pesquisa, quando os sujeitos não desenvolvem uma boa relação com os pares do contexto, a capacidade de planejar em saúde diminui consideravelmente, visto que o diálogo entre os atores do processo saúde e suas relações, são imprescindíveis para a utilização dos instrumentos de gestão.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Helen Ingrid Vieira; SOUZA, Mariluce Karla Bonfim de. O processo de Trabalho na Estratégia Saúde da Família com ênfase nos aspectos gerenciais. **Rev. APS**, v. 19, n. 2, p. 292-301, abr/jun., 2016. Disponível em <<https://aps.ufjf.emnuvens.com.br/aps/article/view/2708/976>>. acesso em 12 de Jan. 2018.

BARROS NETO, José Milton et al. A formação do profissional enfermeiro e o mercado de trabalho na atualidade. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v. 5, p. 176-193, 2014. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/22834/16382>>. acesso em 17 de Jan. 2018.

BECCHI, Anne Cristine et al. Perspectivas atuais de cogestão em saúde: vivências do Grupo de Trabalho de Humanização na atenção primária à saúde. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 653-660, Junho 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902013000200032&lng=en&nrm=iso>. acesso em 31 Jan. 2018.

BUBLITZ, Susan et al. Perfil sociodemográfico e acadêmico de discentes de enfermagem de quatro instituições brasileiras. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 77-83, mar. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472015000100077&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 23 Out. 2017.

BUBLITZ, Susan et al. Estressores entre os acadêmicos de Enfermagem de uma Universidade Pública. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. (esp.2), p. 739-745, Dez. 2012. Disponível em <<http://www.facenf.uerj.br/v20nesp2/v20e2a08.pdf>>. acesso em 15 Out. 2017.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 9 nov. 2001. Seção 1, p. 37. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>. Acesso em 02 mar. 2017.

CELEDÔNIO, Raquel Mendes et al. Gestão do Trabalho em Unidades Básicas de Saúde. **Rev enferm UFPE** [online]., Recife, v. 11 n. (supl 1), p. 341-350, Jan., 2017. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/>>. acesso em 12 Jan. 2018.

CHALITA, Cristiane Damasceno de Oliveira et al. Revisão Integrativa sobre a formação do Enfermeiro baseado em Competências. **Rev. Baiana**, v. 40, n. 1, p. 9-13, Jan/Mar. 2016. Disponível <<http://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/660/1870>>. Acesso em 14 de Jan 2018.

CHAVES, Lucieli Dias Pedreschi et al. Supervisão de enfermagem para a integralidade do cuidado. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v.70, n. 5, p. 1106-1111, out. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672017000501106&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 29 jan. 2018.

COSTA, S.M et al. *Perceptions of dental students regarding dentistry thej ob Market and the publiclth care system*, **Ciência &Saúde Coletiva**, v. 17, n. 5, p. 1285–1296, 2012.

DIAS, Anna Karoline Gomes et al. A percepção dos enfermeiros em relação ao seu papel gerencial no âmbito hospitalar. **Rev enferm UFPE** [online]., Recife, v. 11, n. (supl 5), P. 2185-2194, Maio., 2017. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/23374/19012>>. acesso em 13 de Jan. 2018.

FARAH, Herica Silva Dutra et al. Percepções de enfermeiras sobre supervisão em enfermagem na Atenção Primária à Saúde. **Rev Rene**, n.17, v. 6, p. 804 -811, Nov-Dez. 2016. Disponível em <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/2463/pdf>> . acesso em 12 de Jan 2018.

GRACIOLI, Jocelaine Cardoso et al. Estratégias utilizadas por Enfermeiros na readaptação funcional de trabalhadores de Enfermagem. **Rev Min Enferm**, n. 21, p. 1030, 2017. Disponível em <<http://www.reme.org.br/exportar-pdf/1166/e1030.pdfm>>. acesso em 01 de Jan 2018.

HIRSCH, Carolina Domingues et al. Fatores preditores e associados à satisfação dos estudantes de enfermagem. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 28, n. 6, p. 566-572, Dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002015000600566&lng=en&nrm=iso>. acesso em 21 Out. 2017.

JESUS, Bruna Helena de et al. Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 336-345, Junho 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452013000200019&lng=en&nrm=iso>. acesso 25 Set. 2017.

LEAL, Laura Andrian; CAMILO, Silvia Helena Henri; SANTOS, Fabiana Cristina. O Docente de Administração em Enfermagem: formação e competências profissionais. **Rev Enferm UFPE.**, Recife, v. 11, n. 6, p. 2329-2338, Jun. 2017. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/23395/19051>>. acesso em 04 de Fev. 2018.

MACHADO Maria Helena et al. Mercado de trabalho na Enfermagem: aspectos gerais. *Rev Cubana Enfermagem*. **Enferm. Foco**, v.7, (ESP), p. 35-62, Disponível em <<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/691/301>>. acesso em 17 Ago. 2017.

MADUREIRA, Gabriella de Carvalho. Reflexão sobre a Enfermagem e o gerenciamento das Unidades Básicas de Saúde. **Rev Baiana de Saúde Pública**, v. 40, n. 4, p. 848-861 Out./Dez. 2016. Disponível em <<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-876016>>. acesso em 01 Fev. 2018.

MELO, Cristina Maria Meira de et al. Força de trabalho da enfermeira em serviços estaduais com gestão direta: Revelando a precarização. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, e 20160067, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000300211&lng=en&nrm=iso>. acesso em 28 Out. 2017

MOURA, Dean Carlos de Nascimento de; PINTO, José Reginaldo do, ; ARAGÃO, Antônia Eliana de Araújo. Perfil dos Profissionais Atuantes na gestão em saúde frente ao novo modelo de reorganização do SUS: a regionalização. **Rev Tempus**. Brasília, v. 10, n. 01, 2016. Disponível em <<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-832745>>. acesso em 07 de Fev. 2018.

MOURÃO, Laura Feitosa et al. Perspectiva dos discentes de enfermagem sobre o estágio curricular. **Rev enferm UFP**, v. 4, n. 1, p. 40-46, Jan/Mar., 2015. Disponível em <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/2741/pdf>>. acesso em 21 de Jan. 2018.

PEITER, Caroline Cechinel; CAMINHA, Maria Eduarda Pereira; OLIVEIRA, Walter Ferreira. Perfil dos Gerentes da Atenção Primária: uma revisão integrativa. **Rev Saúde Pública do Paraná**, Londrina, v. 18, n. 1, p. 165-173, jul., 2017. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/espacoparasaude/article/view/27085/pdf>>. acesso em 02 de Fev. 2018.

SANTINI, Stela Maris Lopes et al. Dos ‘recursos humanos’ à gestão do trabalho: uma análise da literatura sobre o trabalho no SUS. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 537-559, Ago. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462017000200537&lng=en&nrm=iso>. acesso em 27 Jan. 2018.

SANTOS, Elitiele Orlez. Reunião de equipe: proposta de organização do processo de trabalho. **Rev Fund Care** [online], v. 9, n. 3, p. 606-613, Jul., 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2017.v9i3.606-613>>. acesso em 29 de Jan. 2018.

SILVA, Christian Luiz da; BASSI, Nadia Solange Schmidt. Planejamento estratégico e priorização de projetos em uma instituição pública de saúde: o caso da Fiocruz-PR. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 12, n. 1, p. 85 - 99, jan./jun. 2013. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/14240/9627>>. acesso em 21 de Jan 2018.

SILVA, Daniel Augusto da; MARCOLAN, João Fernando. Desemprego e sofrimento psíquico em enfermeiras. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 68, n. 5, p. 775-782, Out. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672015000500775&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 Fev. 2018.

SOUZA E SOUZA Luiz Paulo et al. Os desafios do recém-graduado em Enfermagem no mundo do trabalho. **Rev Cubana Enfermer**, Ciudad de la Habana , v. 30, n. 1, p. 4-18, março 2015. Disponível em <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-03192014000100002&lng=es&nrm=iso>. acesso em 22 Out. 2017.

TRAJANO, Maria de Fátima Cordeiro. Relações interpessoais no centro cirúrgico sob a ótica da enfermagem: estudo exploratório. **Online braz j nurs [internet]**, v. 16, n. 1, p. 159-169, Mar. 2017. Disponível em <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/5530/pdf_2> acesso em 13 de Jan. 2018.

XIMENES NETO, Francisco Rosemiro Guimarães et al. Perfil Sociodemográfico dos estudantes de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). **Enferm. Foco**, v. 8, n. 3, p. 75-79, 2017. Disponível em <<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1532/404>>. acesso em 22 de Jan 2018.

3. PRODUTO

SUSCORRENDO: capacitando em primeiros socorros para o SUS

3.1 INTRODUÇÃO

Os primeiros socorros são as condutas iniciais prestadas a pessoas que estejam em sofrimento ou em risco de morte que podem ser realizadas em indivíduos já feridos ou que adoçam inesperadamente, tais ações não são exclusivas dos profissionais de saúde e se enquadram no âmbito das práticas de reconhecimento das condições que colocam a vida em risco e da consequente tomada de iniciativas necessárias à manutenção de condições ideais para o funcionamento dos órgãos, até a chegada de uma equipe de saúde qualificada (PEREIRA; PAULINO; SALTARELLI et al., 2015).

Não existe determinação precisa de quando situações inusitadas que comprometam a vida possam acontecer, por outro lado, com o crescimento populacional, aumentou o número de acidentes em todos os âmbitos da sociedade. Estes acontecimentos não intencionais são constituídos por acidentes de trânsito, intoxicações, queimaduras, quedas, afogamentos, traumas, incêndios, dentre outros, que podem necessitar de condutas iniciais que reduzam ou não piorem a gravidade da situação, ou seja, situações de urgência e emergência que irão determinar as intervenções de socorristas que atenderão as vítimas de acordo com suas necessidades (PEREIRA; PAULINO; SALTARELLI, 2015).

Na verdade, os primeiros-socorros podem significar o ponto definitivo entre a vida e a morte, e consiste em uma ferramenta importante para manutenção de condições ideais como também de um prognóstico mais favorável. Desta forma é imprescindível uma aproximação com ações iniciais que garantam a integridade funcional e estrutural de órgãos, bem como o bem-estar psíquico e mental de sujeitos vitimados (GALINDO NETO et al., 2017).

Informações que compreendam a identificação dos principais acidentes, de como preveni-los e de como agir são fatores indispensáveis ao sucesso do atendimento inicial, que podem evitar complicações decorrentes de medidas intempestivas e impedindo a paralisia do socorrista no momento de decidir qual o próximo passo a seguir (LIMA; NEVES JÚNIOR, 2016).

Segundo Pereira, Paulino, Salterelli et al. (2015) apesar de sua relevância no país, o ensino de primeiros socorros ainda é pouco difundido, inclusive o desconhecimento sobre o tema, Desse modo, o auxílio a vítimas em situações de urgência ou emergência, dá-se apenas

pelo impulso da solidariedade, sem treinamento adequado, o que pode causar danos irreparáveis. Percebe-se ainda, que nem sempre esse conhecimento está presente na formação e nem no cotidiano dos profissionais de saúde. Contudo, é preciso ofertar meios que aperfeiçoem e capacitem tais sujeitos para essas situações, não desmembrando a temática do currículo acadêmico e da educação permanente das profissões em saúde.

Na verdade, observa-se que os conteúdos essenciais para o curso de graduação em Enfermagem conforme o estabelecido pelas DCN/ENF, devem ter relação com o processo saúde/doença do indivíduo, da família e da comunidade, proporcionando a integralidade das ações deste cuidar. O perfil profissional deve compor competências técnicas, éticas e políticas, permitindo um censo crítico e resolutivo a partir do reconhecimento das situações reais ou potenciais, sendo meta prioritária do ensino (WINTERS; PRADO; HEIDEMANN, 2016).

Neste sentido, ter em seus currículos pedagógicos disciplinas que acrescentem a abordagem aos cuidados iniciais a vítimas de acidentes, é dar a estes profissionais de saúde subsídios para uma assistência técnica e científica ainda mais qualificada. Uma forma de perceber a temática em questão, e na área de atenção básica onde esses profissionais estão inseridos no projeto “saúde nas escolas”. Nesse projeto, a educação em saúde engloba temas que prevalecem no contexto da infância e da adolescência, tendo como ênfase, por exemplo, os acidentes domésticos e do ambiente escolar com necessidade de atuação imediatista. Neste sentido, as ações de primeiros-socorros são temas de pauta recorrente para educação em saúde infantil (GALINDO NETO et al., 2017).

É possível fomentar o conhecimento a partir de uma necessidade real, sendo a atuação de práticas em serviço é uma proposta que pode ser iniciada durante a graduação. Através de experiências com graduandos no SUS é possível desenvolver o aprendizado de forma construtiva e libertadora, permitindo aos sujeitos respostas sobre seus questionamentos e uma percepção precisa das políticas de gestão e do cuidado ofertado por este sistema de saúde, bem como uma inclusão ativa no contexto do modelo de atenção e oferta de serviços (MAFFISSONI et al. 2017).

Um dos meios fortalecedores para essa aproximação são às práticas de educação em saúde que podem transversalizar todos os envolvidos no contexto, como profissionais, gestores e usuários desenvolvendo e estimulando a “capacidade de ensinar, aprender, aprender a aprender e aprender a ensinar”, ampliando assim o cuidado em uma perspectiva mais humana e integral. Evidencia-se com esta prática, a necessidade de ir além dos muros da

faculdade e do sistema de saúde, para atuar em diferentes locais de aprendizado (AMARAL; PONTES; SILVA, 2014; OLIVEIRA et al., 2015, p. 154).

Em estudo recente que relatou a experiência dos alunos de enfermagem nos últimos períodos do curso, durante o curso de uma disciplina de práticas em saúde que teve como objetivo desenvolver educação em saúde para leigos com a temática de primeiros socorros, viu-se que o desenvolvimento dessa prática gerou nos graduandos/educadores a habilidades de trocar de experiências, o que lhes favoreceu a ampliação de conhecimentos além de proporcionar e oferecendo uma maior interação entre o educador e o educando. Ainda mais, essas ações fortaleceram, na população leiga para a promoção da autonomia diante da tomada de decisões em situações de emergência. A abordagem deste estudo comunga com a literatura correlata, no sentido de reafirmar que ao desenvolverem educação em saúde ao longo da formação acadêmica os futuros enfermeiros têm sua esfera educativa fortalecida, além de contribuírem para o protagonismo dos indivíduos nas questões de saúde (OLIVEIRA et al., 2015).

O enfermeiro é geralmente quem faz a gestão/gerência das ações, trabalho que engloba diversos desafios, dessa forma é preciso repensar a formação em saúde, perpassando o processo apenas de aquisição de diploma e enveredando para a construção de profissionais enfermeiros com potencial transformador, com fortalecimento do compromisso e na defesa do SUS (MAFFISSONI et al. 2017). Sendo assim esse projeto teve como objetivo geral: implementar a vivência prática do SUS aos discentes de Enfermagem dos 1º ao 5º período do curso, utilizando como ferramenta de aprendizagem a educação em saúde, com capacitação em primeiros-socorros dos profissionais que atuam no âmbito do SUS.

3.2 PROCEDIMENTOS E MÉTODO

3.2.1 Tipo de projeto de intervenção

Tratou-se de um Curso de Capacitação vinculado a uma Instituição de Ensino Superior Privada com o objetivo de desenvolver atividades práticas extracurriculares para atuação dos discentes do curso de graduação em Enfermagem na educação em saúde voltadas para os conhecimentos práticos dos primeiros-socorros.

3.2.2 Situação problema

O projeto foi iniciado a partir da elucidação dos resultados da pesquisa realizada pela pesquisadora docente da IES, cujo trabalho acadêmico intitulado “DISCENTES DE ENFERMAGEM: FORMAÇÃO PARA O MERCADO DE TRABALHO NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE”, revelou potencialidades práticas. Diante das discussões reluzentes da pesquisa foi possível destacar que alunos nos primeiros períodos do curso de enfermagem não haviam vivenciado práticas no SUS e que não desenvolveram habilidades para atuar em educação em saúde, nem em práticas assistências de clínica médica e cirúrgica e ainda, que a falta de regulares relações interpessoais interferia em algumas ferramentas gerenciais.

Nesse sentido, viu-se a necessidade de desenvolver momentos de vivência prática nos cenários do SUS, onde os alunos na fase inicial do curso entre os primeiro e quintos períodos pudessem começar a desenvolver habilidades e competências intrínsecas a profissão e, conseqüentemente, a aquilo que o mercado de trabalho almeja.

Sendo a temática de primeiros-socorros de utilidade no contexto assistencial e, principalmente, de expectativa como um possível conhecimento para graduandos e profissionais da área de saúde, optou-se em desenvolver o assunto, pois se constituiu de conteúdo imprescindível não trabalhado no currículo acadêmico dos primeiros períodos do curso.

Além disso, em enquete realizada anteriormente pela pesquisadora, onde se perguntou sobre os principais temas que os alunos pretendiam desenvolver nas oficinas, foi consenso referirem que havia esperado maior aquisição de conhecimento sobre o assunto “primeiros-socorros” visto cursarem uma graduação na área de saúde e, portanto, passarem a ser uma referência em seu meio familiar e social diante dos agravos e incidentes que comprometam a saúde.

3.2.3 Movimento de parcerias internas e externas

De posse dos resultados encontrados foi realizado um encontro entre a pesquisadora e a coordenação do curso de Enfermagem, sendo apresentado a situação problema e a proposta de implementação do Curso de capacitação “*SUS*correndo: capacitando em primeiros socorros para o SUS” que poderia barganhar tal condição. A medida de intervenção foi apoiada pela coordenação de Enfermagem, que logo lançou a proposta da oficina de práticas, incorporadas ao Sistema de Informações Acadêmicas (SIA) da IES, na ideia de

recrutar os alunos interessados que estivessem dentro dos critérios de inclusão propostos pela responsável pelo projeto.

3.2.4 Seleção e capacitação dos discentes

A fase de submissão a entrevista foi marcada inicialmente pela divulgação das oficinas, com edital de abertura e período de inscrição.

Os critérios de inclusão dos alunos eram estar matriculados no curso de Enfermagem da IES proponente e estarem cursando do 1º ao 5º período do curso. Após o período de inscrição os alunos foram submetidos a entrevistas, com vistas à aptidão no desenvolvimento da temática, bem como para análise de disponibilidade de tempo para o momento das oficinas e treinamento nas IES, e posterior realização de atividades de educação em saúde no contexto SUS, ou seja, o estudante deveria dispor de pelo menos 4h diárias e dois dias da semana, totalizando 08 horas semanais.

Nas oficinas, foram inscritos 22 alunos, havendo empate nos critérios da entrevista, sendo o desempate realizado a partir da apresentação do coeficiente anual do curso. Dentre as maiores notas foram selecionados 09 alunos: 02 alunos do 1º período, 02 alunos do 2º período, 02 alunos do 3º período, 02 alunos do 4º e 01 aluno do 5º período que foram distribuídos em 01 por cada turno (vespertino e noturno).

3.3 RESULTADO E DISCUSSÃO

3.3.1 Capacitação dos alunos em primeiros socorros

Após o processo de seleção, os alunos participaram de oficinas de primeiros socorros distribuídas por 02 dias em períodos de 3h. Para o primeiro dia de oficina a temática escolhida foi a explanação teórica sobre os conteúdos previstos para temática, apontados a seguir:

1. Instabilidades: fratura e luxações;
2. Hemorragias: lesões corto-contusa e epistaxe;
3. Crise convulsiva
4. Desmaio/síncope
5. Trauma abdominal: eviscerações
6. Objeto encravado
7. Queimadura: 1º 2º 3º 4º graus.
8. Corpo estranho: adulto, criança e lactente

9. Parada cardiorrespiratória e SBV/ uso do DEA.

No segundo momento da oficina, os alunos foram desenvolver as atividades práticas no laboratório da IES. Utilizou-se como abordagem metodológica a problematização com o objetivo de buscar dos participantes as experiências, os conhecimentos prévios, esclarecimentos de dúvidas e as estratégias utilizadas no cotidiano dos participantes diante de situações de primeiros socorros. Os materiais didáticos usados foram manequins próprios para o ensino de parada cardiorrespiratória e engasgo, e talas.

Fotos 1 - Treinamento Prático de RCP em laboratório com os alunos, 2017.



Fonte: acervo pessoal de fotos da pesquisadora, 2018.

No seguimento da proposta, a equipe do *SUS*correndo vivenciou o *SUS* a partir da capacitação em primeiros-socorros da equipe do Consultório na Rua de Maceió. De acordo com Abreu e Oliveira (2017), o consultório na rua é uma estratégia de atenção à saúde da população em situação de rua, o qual busca oferecer suporte social, afeto e perspectivas de mudanças para a população atendida.

Compreendendo melhor a população específica Engstron e Teixeira (2017) apontam que a População em Situação de Rua (PSR) é um grupo populacional não homogêneo, composto por indivíduos que têm aspectos em comum como a “garantia de sobrevivência por meio de atividades produtivas, desenvolvidas nas ruas, com vínculos familiares rompidos ou fragilizados e a não referência de moradia regular”.

Neste sentido, o consultório na rua se constitui de um atendimento aos diferentes problemas e necessidades de saúde da PSR sendo efetivada a partir da atuação de equipes de consultórios na rua (eCnaR), as quais se responsabilizam pelo cuidado com essa população, procurando atuar numa abordagem integral à saúde. Realizam atividades educativas e culturais, fazem a dispensação de insumos de proteção à saúde e encaminhamentos para rede de saúde e intersetorial. A eCnaR deve configurar-se, assim, como a principal porta de entrada dessa população para a rede de serviços e deve atuar integrada à Rede de Atenção à Saúde (RAS), assim como a outras redes intersetoriais (FERREIRA; ROZENDO; MELO, 2016; KAMI; LAROCCA; CHAVES et al., 2016; ENGSTRON; TEIXEIRA, 2017).

Para essa população específica, é possível perceber que além de aspectos relativos à marginalização social, de expropriação de direitos, outro aspecto dessa fragilidade é a constante exposição a situações hostis, discriminatórias, violentas e perigosas (FERREIRA; ROZENDO; MELO, 2016). Sendo assim tratar da temática de primeiros socorros com a eCnaR se faz necessário, pelo risco a que estão expostos os indivíduos em situação de rua, para a prática de educação em saúde desses profissionais, além da necessidade de intervenções imediatistas já que atuam em um ambiente de risco para acidentes e agravos à saúde.

3.3.2 Vivenciando o SUS: primeiros-socorros para a equipe de Consultório na Rua

A equipe de consultório na rua em Maceió estava composta por 12 componentes, porém nesse mesmo local, haviam outros profissionais que optaram em permanecer e assistir a capacitação. Dentre as áreas de atuação desses participantes tivemos: 03 assistentes sociais, 03 enfermeiras, 02 educadores físicos, 01 artista de artes cênicas, 01 psicóloga e 10 agentes sociais, totalizando 20 pessoas.

Enfatizamos que relato sobre a história do projeto e sobre todo caminho percorrido até aquele momento é imprescindível a uma melhor compreensão deste. Assim, o local de encontro para realização das atividades, deu-se no dia 07 de fevereiro de 2018, as 14h na sede do Centro POP 1 (Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua), situado na Avenida da Paz, sem número, Jaraguá (próximo ao Coreto). No primeiro momento

a equipe do *SUScorrendo* foi apresentada pela professora responsável, Hulda Alves sendo imprescindível o relato sobre a história do projeto e sobre todo caminho percorrido até aquele momento.

Foto 2 - Equipe (1) do Projeto *SUScorrendo*: capacitando em primeiros socorros no SUS



Fonte: acervo pessoal de fotos da pesquisadora, 2018.

Após apresentação do projeto e de seus participantes, chegou o momento dos profissionais da eCnaR se apresentarem, o que favoreceu um ambiente de interação entre os facilitadores do projeto (*SUScorrendo*) com a equipe. Foi entregue como material didático uma apostila (APÊNDICE 1) elaborada pela equipe do *SUScorrendo*, a fim de facilitar a troca de conhecimento.

Foto 3 - Momento de interação entre a equipe do projeto e a eCnaR



Fonte: acervo pessoal de fotos da pesquisadora, 2018.

Posteriormente, iniciou-se a capacitação baseada na problematização dos fatos, sempre incluindo aspectos da realidade vivenciada pela eCnaR. Os casos foram apontados e os profissionais indagados diante de sua conduta e seus conhecimentos prévios sobre os

primeiros socorros. A partir das soluções propostas inicialmente pelos grupos, novos apontamentos foram feitos e condutas foram acrescidas e aprimoradas dentro do conhecimento técnico e científico proposto pelo assunto.

Foto 4 – Momento da troca de conhecimentos de acordo com o conhecimento prévio dos profissionais da eCnaR



Fonte: acervo pessoal de fotos da pesquisadora, 2018.

O momento da capacitação foi desenvolvido a partir da explanação teórica e por demonstrações práticas das situações de urgência e emergência, partindo de temas escolhidos previamente pela equipe do projeto. Os casos abordados foram as situações de fraturas, luxações, objeto encravado, hemorragias, engasgo, desmaio/síncope, trauma abdominal, crise convulsiva, parada cardiorrespiratória (PCR), além de outros acidentes levantados pelos profissionais durante a capacitação, como por exemplo, intervenções em situações de politraumatismos.

Dando sequência as atividades, os alunos do projeto foram divididos e ficaram responsáveis por “estações”, nome dado ao local em que seriam desenvolvidas as atividades práticas com os profissionais, sendo cada uma dessas estações codificadas por cores. O aluno da estação laranja (Rosylange), ficou responsável pelas atividades práticas de Suporte Básico de Vida (SBV), capacitando os profissionais para situações de PCR; o aluno da estação amarela (Rafael) facilitou o aprendizado para práticas de socorro em situações de engasgo, desmaio e crise convulsiva; e o aluno (Pollyane), da estação verde, realizou práticas de imobilização em membros, com tala e papelão, favorecendo habilidades de primeiros-socorros em situações de instabilidade (fraturas e luxações).

Fotos 5 – Alunos do projeto em estações para capacitação prática dos profissionais da eCnaR.

Foto 5.1 – Estação Amarela



Fonte: acervo pessoal de fotos da pesquisadora, 2018.

Foto 5.2 Estação Laranja



Fonte: acervo pessoal de fotos da pesquisadora, 2018.

Foto 5.3 Estação Verde



Fonte: acervo pessoal de fotos da pesquisadora, 2018.

Todos os profissionais de saúde que compunham a eCnaR realizaram as atividades práticas propostas pelos facilitadores do projeto *SUScorrendo*, que se constituiu em uma experiência de intensa troca de conhecimentos e de empoderamento para ambas equipes. Ao

fim, o momento foi avaliado pelos participantes, no intuito de melhorar as próximas capacitações.

Como resposta ao treinamento, os profissionais referiram a importância da temática de primeiros socorros dentro de seu contexto de atuação e positaram pela forma como foram abordados e explanados os conteúdos teórico-práticos nas oficinas referenciadas anteriormente. A repercussão positiva da capacitação foi notória, onde nas falas dos profissionais, agradeceram a iniciativa e afirmaram aguardar uma outra experiência, com outras situações, bem como se comprometeram em multiplicar o conhecimento adquirido aos indivíduos em situação de rua.

Para os discentes que participaram do primeiro contato com profissionais do SUS com atividades de educação em saúde em primeiros-socorros a experiência abriu perspectivas de futuras atuações dentro do serviço público, aprimorando nos alunos a autoconfiança, as habilidades de ensino, as relações interpessoais, o conhecimento dos cenários reais, além da conscientização da importância que eles tiveram na construção de mais conhecimento aos sujeitos ativos do contexto desse sistema de saúde.

Nessa direção, novas parcerias já estão sendo montadas, inclusive para tornar a equipe do *SUS*correndo um projeto de extensão, já no primeiro semestre de 2018.1, com duração de 12 meses e certificado com carga horária a definir. Inicialmente o edital será ofertado para os alunos de Enfermagem, mas o objetivo é fazer desse projeto um ambiente de interação entre os outros cursos da área de saúde da IES, como educação física, nutrição, fisioterapia e psicologia, na perspectiva desenvolver mais um princípio do SUS, a interdisciplinaridade.

Foto 6 – Finalizando as Atividades



Fonte: acervo pessoal de fotos da pesquisadora, 2018

3.4 CONCLUSÃO

As práticas de atuação nos ambientes, setores, órgãos e instituições que fazem parte do contexto do SUS reforçam uma visão realista de que esse sistema ainda está vivo e que sua existência não depende apenas de uma vontade política, mas de uma postura pessoal e ética dos profissionais que já o fazem e daqueles sujeitos que nele, em breve, estarão atuando.

Vivenciar a capacitação com os profissionais do consultório na Rua ampliou as perspectivas de atuação e de comprometimento com o serviço de saúde que oferece promoção, proteção, prevenção e recuperação à saúde, e porque não enfatizar, abre as portas para absorver profissionais com um perfil voltado para sua defesa, capaz de desenvolver um senso crítico, uma análise reflexiva, uma conduta humana e acima de tudo integral.

Não importa em que condição estes sujeitos se encontram, se ainda estão na formação acadêmica ou se já estão em práticas assistenciais como profissionais do serviço, pois se sabe que é possível favorecer a troca de conhecimentos e construir atitudes e habilidades diariamente que positivam para eficácia e qualidade do cuidar em saúde.

Esse projeto vem construindo expectativas favoráveis para todos os que participam dele, pois vem somar numa perspectiva positiva daqueles que almejam finalizar a graduação e estar entre os protagonistas ativos do SUS, favorecendo o aprimoramento de habilidades, técnicas científicas, de tomada de decisão, de relações interpessoais, de uma visão clara da realidade que propõe o sistema, seja pela escassez de recursos, ou pelo desânimo de alguns profissionais e da visão de refúgio, em que as portas de alguns serviços do SUS são para alguns usuários do sistema.

Essa nova ação do SUS também pode aperfeiçoar nos profissionais que já estão inseridos nos ambientes de trabalho com as habilidades referentes as temáticas de primeiros socorros, no intuito de ampliar sua prática de cuidar, proporcionando uma assistência ainda mais integral. Além disso, essa interação entre o ensino e o serviço pode despertar uma relação de cuidado e responsabilidade recíproca entre as unidades formadoras e esses profissionais que são espelhos vivos para o corpo discente e docente das IES.

Nossos agradecimentos a Enfermeira do SAMU Alda Galdino, que foi ponte e nos ajudou nesse processo de capacitação e a Enfermeira Coordenadora do eCnaR em Maceió Jorgina Sales pelo espaço aberto e pela confiança.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Deivid de; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. Atenção à saúde da população em situação de rua um desafio para o consultório na rua e para o SUS. **Cad. Saúde Pública**, v. 33, n. 2, p. 00196916, 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2017000207001&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 02 fev. 2018.
- AMARAL, Maria Carmélia Sales do; PONTES, Andrezza Graziella Veríssimo; SILVA, Jennifer do Vale. O ensino de Educação Popular em Saúde para o SUS: experiência de articulação entre graduandos de enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1547-1558, 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000601547&lng=en&nrm=iso>. acesso em 19 Jan. 2017.
- ENGSTROM, Elyne Montenegro; TEIXEIRA, Mirna Barros. Equipe “Consultório na Rua” de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil: práticas de cuidado e promoção da saúde em um território vulnerável. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n.6, p. 1839-1848, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000601839&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 fev. 2018.
- FERREIRA, Cíntia Priscila da Silva; ROZENDO, Célia Alves; MELO, Givânia Bezerra de. Consultório na Rua em uma Capital do Nordeste Brasileira: o olhar de pessoas em situação de vulnerabilidade social. **Cad. Saúde Pública**, v. 32, n. 8, p. 00070515, ago. 2016. Disponível em <https://scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt&pid=S0102-311X2016000805003>. acesso em 15 de Jan. 2018.
- GALINDO NETO, Nelson Miguel et al. Primeiros Socorros na escola: construção e validação de cartilha educativa para professora. **Act. Paul enferm**, v. 30, n.1, p. 87 -93, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002017000100087&lng=en&nrm=iso>. acesso em 14 Jan. 2018.
- KAMI, Maria Terumi Maruyama et al. Trabalho no consultório na rua: uso do software IRAMUTEQ no apoio à pesquisa qualitativa. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, e 20160069, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000300213&lng=en&nrm=iso>. acesso em 02 Fev. 2018.

LIMA, Luiza Lelis Neves; NEVES JUNIOR, Reinaldo. Brigada Estudantil de Prevenção de Acidentes e Primeiros Socorros em Palmas (TO). **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro , v. 40, n. 2, p. 310-313, Jun., 2016 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022016000200310&lng=en&nrm=iso>. acesso em 10 Fev., 2018.

MAFFISSONI André Lucas et al. VER-SUS Oeste Catarinense: vislumbrando um itinerário formativo em Enfermagem direcionado ao Sistema Único de Saúde. **Rev. enferm UFPE** on line., Recife, v. 11, n. 2, p. 758-64, fev., 2017. Disponível em http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/10226/pdf_2737 >. acesso em 22 de Jul. 2017.

OLIVEIRA Marília Rosa et al. Concepção de graduandos de enfermagem sobre a prática e saúde em primeiros socorros. **Rev. Rene.**, v.16, n.2, p.150-158 mar/abr. 2015. Disponível em <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/1863/pdf>>. acesso em 22 de ago. 2017.

PEREIRA, Karine Chaves et al. A construção de conhecimentos sobre prevenção de acidentes e primeiros socorros por parte do público leigo. **Rev. Enferm Centro Oeste Mineiro**, v. 5, n. 1, p.1478-1485, Jan/abr., 2015. Disponível em <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/456>>. acesso em 02 de Fev. 2018.

SILVA, Rodrigo Marques da et al. Perfil de Estudantes de Enfermagem com Personalidade *Hardiness* ou Síndrome de *Burnout*. **Rev. enferm UFPE** [online]., Recife, v. 11, n. (Supl 4), p. 1606-1614, abr., 2017. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11823/14225>>. acesso em 12 de Jan. 2018.

WINTERS, Joanara Rozane da Fontoura; PRADO, Marta Lenise do; HEIDEMANN, Ivonete Teresinha Schülter Buss. A formação em enfermagem orientada aos princípios do Sistema Único de Saúde: percepção dos formandos. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 248-253, Junho 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000200248&lng=en&nrm=iso>. acesso em 23 de Set. 2017

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO TRABALHO ACADÊMICO

O mestrado profissional em Ensino na Saúde da FAMED trouxe várias expectativas, desde a aprovação até a finalização do TACC. O trabalho inicial sempre envolveu o discente e suas expectativas de formação no SUS, porém dentro de uma abordagem mais restrita ao entendimento de alguns princípios e em uma análise metodológica voltada para a qualificação dos resultados, para o direcionamento de um estudo qualitativo. Porém, como tudo na vida é preciso adaptação, o projeto inicial foi alterado e analisar a formação na perspectiva do discente para o mercado de trabalho do SUS, passou a ser o objetivo principal, a partir de uma análise quantitativa, de números que pudessem demonstrar, simbolicamente, esse atual ambiente de formação.

O estudo foi um desafio, assim como o mestrado, mas as disciplinas de metodologia da pesquisa, bases do SUS, humanização no SUS e bases interdisciplinares em saúde, foram as principais referências e pilares científicos para a realização dos artigos, na ampliação do conhecimento, na busca de acrescentar e encontrar na literatura publicada, os aspectos vistos nessas disciplinas, dentro das evidências científicas acerca das formações em saúde.

Os resultados desse estudo foram inúmeros, apontando as fragilidades e as potencialidades da atual formação dos Enfermeiros na IES estudado, cujo o PPP é nacional, ou seja, outros graduandos de enfermagem, em outros estados, parecem também comungar dos aspectos apontados no estudo em questão. Percebe-se assim que a formação em Enfermagem e os avanços propostos pelas DCN/ENF aos cursos de graduação ainda estão caminhando em passos lentos, pelo menos no que se refere a algumas instituições educadoras de vínculo privado.

Os modelos reducionistas, hospitalocêntricos, tecnicistas, ainda se revelam nas matrizes curriculares dos cursos, levando a formação de alunos com habilidades restritas e específicas para determinadas situações. O integral, o crítico, o reflexivo, o líder, o decidido, o criativo e o humano, passa a ser uma atitude pessoal, muitas vezes não fortalecida durante a graduação. Esse aspecto, foi apontado como limitado, pelo déficit de ambientes de prática entre o serviço de saúde e as unidades formadoras. A experiência de atuar dentro do contexto e dos cenários do SUS ainda parece ser um momento de expectativa para últimos períodos do curso de Enfermagem, deixando que os discentes desenvolvam em pouco tempo, um mínimo de competência para uma perspectiva futura de atuação neste cenário.

Nas literaturas pesquisadas, é possível perceber um avanço para o novo perfil do egresso nas IES públicas e que práticas de ensino já são realizadas nos primeiros períodos do curso de Enfermagem, mas talvez tal realidade, deva-se a facilidade de acesso aos hospitais de ensino que são direcionados a esta unidade formadora, o que difere da realidade de muitas IES privadas. O que se percebe, são poucos campos de práticas no SUS para a grande demanda de discentes que precisam vivenciar e realizar as práticas assistenciais.

Não obstante, devido a esta escassez de locais que favoreçam a interação ensino e serviço, os alunos realizam apenas visitas técnicas ou passam um período curto que não os permite uma aproximação mais íntima com os sujeitos que compõem o sistema, com clima organizacional e com a rotina de trabalho destes setores e órgãos.

Dessa forma, sugere-se para as IES e docentes que querem e almejam um SUS ainda melhor, criarem momentos para incluir os seus discentes dentro desta realidade, usando uma forma até de uma forma criativa para que isso aconteça, seja com práticas de extensão, com projetos de pesquisa ou com estágios extracurriculares. Através de acordos e parcerias é possível aumentar o escopo das práticas desses alunos favorecendo a formação de habilidades e competências propostas para os futuros profissionais de saúde. É do presente que se faz o futuro e do passado que se enxerga o presente.

REFERÊNCIAS GERAIS DO TRABALHO ACADÊMICO

- AMARAL, Maria Carmélia Sales do; PONTES, Andrezza Graziella Veríssimo; SILVA, Jennifer do Vale. O ensino de Educação Popular em Saúde para o SUS: experiência de articulação entre graduandos de enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1547-1558, 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000601547&lng=en&nrm=iso>. acesso em 19 Out. 2017.
- BARRETO, Helen Ingrid Vieira; SOUZA, Mariluce Karla Bonfim de. O processo de Trabalho na Estratégia Saúde da Família com ênfase nos aspectos gerenciais. **Rev APS**, v. 19, n. 2, p. 292-301, abr/jun., 2016. Disponível em <<https://aps.ufjf.emnuvens.com.br/aps/article/view/2708/976>>. acesso em 12 de Jan. 2018.
- BARROS NETO, José Milton et al. A formação do profissional enfermeiro e o mercado de trabalho na atualidade. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v. 5, p. 176-193, 2014. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/22834/16382>>. acesso em 17 de Jan. 2018.
- BLEICHER, Taís; OLIVEIRA, Raquel Campos Nepomuceno de. Políticas de assistência estudantil em saúde nos institutos e universidades federais. **Psicol. Esc. Educ**, Maringá, v. 20, n. 3, p. 543-549, Dez. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572016000300543&lng=en&nrm=iso>. acesso em 01 Out. 2017.
- BISPO, Emanuella Pinheiro de Farias; TAVARES, Carlos Henrique Falcão; TOMAZ, Jerzuí Mendes Tôrrez. Interdisciplinaridade no ensino em saúde: o olhar do preceptor na Saúde da Família. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 18, n. 49, p. 337-350, Junho 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000200337&lng=en&nrm=iso>. acesso em 16 Out. 2017.
- BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 9 nov. 2001. Seção 1, p. 37. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>. acesso em: 16 Out. 2017.
- BUBLITZ, Susan et al. Perfil sociodemográfico e acadêmico de discentes de Enfermagem de quatro instituições Brasileiras. **Rev. Gaúcha Enferm**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 77-83, Mar. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472015000100077&lng=en&nrm=iso>. acesso em 15 Out. 2017.

BUBLITZ, Susan et al. Estressores entre os acadêmicos de Enfermagem de uma Universidade Pública. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. (esp.2), p. 739-745, Dez. 2012. Disponível em <<http://www.facenf.uerj.br/v20nesp2/v20e2a08.pdf>>. acesso em 15 Out. 2017.

CELEDÔNIO, Raquel Mendes et al. Gestão do Trabalho em Unidades Básicas de Saúde. **Rev enferm UFPE** [online]., Recife, v. 11 n. (supl 1), p. 341-350, Jan., 2017. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/>>. acesso em 12 Jan. 2018.

CHALITA, Cristiane Damasceno de Oliveira et al. Revisão Integrativa sobre a formação do Enfermeiro baseado em Competências. **Rev. Baiana**, v. 40, n. 1, p. 9-13, Jan/Mar. 2016. Disponível <<http://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/660/1870>>. Acesso em 14 de Jan 2018.

CHAVES, Lucieli Dias Pedreschi et al. Supervisão de enfermagem para a integralidade do cuidado. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília , v. 70, n. 5, p. 1106-1111, out. 2017 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672017000501106&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 29 jan. 2018.

CORRÊA, Ludmilla Zangali de Mattos; SANTOS, Neuci Cunha dos; KOBİ, Mirian Costa Barbosa. Expansão dos cursos de graduação em enfermagem em Mato Grosso: implicações e desafios. *Rev. Eletr. Enf. [Internet].*, v. 16, n. 4, p. 744-753, out/dez. 2014. Disponível em< <https://www.fen.ufg.br/revista/v16/n4/pdf/v16n4a06.pdf>>. acesso em 21 de Out. 2017.

COSTA, S.M et al. *Perceptions of dental students regarding dentistry the job Market and the public health care system*, **Ciência &Saúde Coletiva**, v. 17, n. 5, p. 1285–1296, 2012.

COSTA, Kleber de Souza; FREITAS, Genival Fernandes; HAGOPIAN, Ellen Maria. Homens na enfermagem: formação acadêmica posterior à graduação e trajetória profissional. **Revenferm UFPE online**, Recife, v.11, n 3, p. 1216-26, mar, 2017. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/10032/pdf_2613 >. acesso em 24 de Out. 2017.

DEDECCA, Claudio Salvadori; TROVAO, Cassiano José Bezerra Marques. A força de trabalho no complexo da saúde: vantagens e desafios. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p. 1555-1567, jun. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000600008&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 27 out. 2017.

DIAS, Ieda Maria Ávila Vargas et al. A tutoria no processo de ensino-aprendizagem no contexto da formação interprofissional em saúde. **Saúde debate**, v. 40, n. 111, p. 257-267, Dez. 2016. Disponível em <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042016000400257&lng=en&nrm=iso>. acesso em 27 Out. 2017.

DIAS, Anna Karoline Gomes et al. A percepção dos enfermeiros em relação ao seu papel gerencial no âmbito hospitalar. **Rev enferm UFPE** [online], Recife, v. 11, n. (supl 5), P. 2185-2194, Maio., 2017. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/23374/19012>>. acesso em 13 de Jan. 2018.

ENGSTROM, Elyne Montenegro; TEIXEIRA, Mirna Barros. Equipe “Consultório na Rua” de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil: práticas de cuidado e promoção da saúde em um território vulnerável. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n.6, p. 1839-1848, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000601839&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 fev. 2018. .

FARAH, Herica Silva Dutra et al. Percepções de enfermeiras sobre supervisão em enfermagem na Atenção Primária à Saúde. **Rev Rene**, n.17, v. 6, p. 804 -811, Nov-Dez. 2016. Disponível em <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/2463/pdf>> . acesso em 12 de Jan 2018.

FERNANDES, Josicélia Dumê et al. Aderência de cursos de graduação em enfermagem às diretrizes curriculares nacionais na perspectiva do sistema único de saúde. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro , v. 17, n. 1, p. 82-89, Mar. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452013000100012&lng=en&nrm=iso>. acesso em 23 Out. 2017.

FERREIRA, Cíntia Priscila da Silva; ROZENDO, Célia Alves; MELO, Givânia Bezerra de. Consultório na Rua em uma Capital do Nordeste Brasileira: o olhar de pessoas em situação de vulnerabilidade social. **Cad. Saúde Pública**, v. 32, n. 8, p. 00070515, ago., 2016. Disponível em <https://scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt&pid=S0102-311X2016000805003> . acesso em 15 de Jan. 2018.

GALINDO NETO, Nelson Miguel et al. Primeiros Socorros na escola: construção e validação de cartilha educativa para professora. **Act. Paul enferm**, v. 30, n.1, p. 87 -93, 2017. Disponível em: <. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002017000100087&lng=en&nrm=iso>. acesso em 14 Jan. 2018.

GRACIOLI, Jocelaine Cardoso et al. Estratégias utilizadas por Enfermeiros na readaptação funcional de trabalhadores de Enfermagem. **Rev Min Enferm**, n. 21, p. 1030, 2017. Disponível em < <http://www.reme.org.br/exportar-pdf/1166/e1030.pdf>>. acesso em 01 de Jan 2018.

HIRSCH, Carolina Domingues et al. Fatores preditores e associados à satisfação dos estudantes de enfermagem. **Acta paul. enferm**, São Paulo , v. 28, n. 6, p. 566-572, Dez. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002015000600566&lng=en&nrm=iso>. acesso em 21 Out. 2017.

JESUS, Bruna Helena de et al. Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 336-345, Junho 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452013000200019&lng=en&nrm=iso>. acesso 25 Set. 2017.

KAMI, Maria Terumi Maruyama et al . Trabalho no consultório na rua: uso do software IRAMUTEQ no apoio à pesquisa qualitativa. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro , v. 20, n. 3, e 20160069, 2016 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000300213&lng=en&nrm=iso>. acesso em 02 Fev. 2018

LEITE, Maria Francilene et al. Extensão Popular na formação profissional em saúde para o SUS: refletindo uma experiência*. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 18, supl. 2, p. 1569-1578, 2014 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000601569&lng=en&nrm=iso>. acesso em 23 Out. 2017.

LIMA. Cassio de Almeida et al. A teoria em prática: interlocução ensino-serviço no contexto da atenção primária à saúde na formação do(a) enfermeiro(a). **RevFundCare [Online]**., v. 8, n. 4, p. 5002-5009. out/dez. 2016. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2016.v8i4.5002-5009>>. acesso em Ago. 2017.

LIMA, Luiza Lelis Neves; NEVES JUNIOR, Reinaldo. Brigada Estudantil de Prevenção de Acidentes e Primeiros Socorros em Palmas (TO). **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro , v. 40, n. 2, p. 310-313, Jun., 2016 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022016000200310&lng=en&nrm=iso>. acesso em 10 Fev., 2018.

MACHADO Maria Helena et al. Mercado de trabalho na Enfermagem: aspectos gerais. **Enferm. Foco**, v.7, (ESP), p. 35-62, 2016. Disponível em <<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/691/301>>. acesso em 17 Ago. 2017.

MACHADO, Maria Helena; VIEIRA, Ana Luiza Stiebler; OLIVEIRA, Eliane. Construindo o perfil da Enfermagem. **Enferm.Foco**, v.3, n. 3, p. 119-122, 2012. Disponível em <<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/294>>. acesso em 20 Out. 2017.

MADUREIRA, Gabriella de Carvalho. Reflexão sobre a Enfermagem e o gerenciamento das Unidades Básicas de Saúde. **Rev Baiana de Saude Pública**, v. 40, n. 4, p. 848-861 Out./Dez. 2016. Disponível em <<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-876016>>. acesso em 01 Fev. 2018.

MAFFISSONI André Lucas et al. VER-SUS Oeste Catarinense: vislumbrando um itinerário formativo em Enfermagem direcionado ao Sistema Único de Saúde. **Revenferm UFPE** [online]., Recife, v. 11, n. 2, p. 758-64, fev., 2017. Disponível em http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/10226/pdf_2737 >. acesso em 22 de Jul. 2017.

MARTINI, Jussara Gue et al. Currículos de cursos de graduação em Enfermagem: revisão integrativa de literatura. **RevFundCare** [Online]., v. 9, n. 1, p. 265-272, jan/mar. 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2017.v9i1.265-272>>. acesso em 23 de Set. 2017.

MARCHIORO, Dauana et al. Estágio curricular supervisionado: relato dos desafios encontrados pelos (as) estudantes. **Arq. Cienc. Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 21, n. 2, p. 119-122, maio/ago. 2017. Disponível em <http://www.revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/5912>. acesso em 12 de Set. 2017.

MELO, Cristina Maria Meira de et al. Força de trabalho da enfermeira em serviços estaduais com gestão direta: Revelando a precarização. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, e 20160067, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000300211&lng=en&nrm=iso>. acesso em 28 Out. 2017

MOURA, Dean Carlos de Nascimento de; PINTO, José Reginaldo do, ; ARAGÃO, Antônia Eliana de Araújo. Perfil dos Profissionais Atuantes na gestão em saúde frente ao novo modelo de reorganização do SUS: a regionalização. **Rev Tempus**., Brasília, v. 10, n. 01, 2016. Disponível em <<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-832745>>. acesso em 07 de Fev. 2018.

MOURA, Ionara Holanda de et al. Qualidade de vida de estudantes de graduação em enfermagem. **Rev. Gaúcha Enferm**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 552-91, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472016000200407&lng=en&nrm=iso>. acesso em 01 Ago. 2017.

MOURÃO, Laura Feitosa et al. Perspectiva dos discentes de enfermagem sobre o estágio curricular. **Rev. enferm UFP**, v. 4, n. 1, p. 40-46, Jan/Mar., 2015. Disponível em <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/2741/pdf>>. acesso em 21 de Jan. 2018.

OLIVEIRA Marília Rosa et al. Concepção de graduandos de enfermagem sobre a prática e saúde em primeiros socorros. **Rev. Rene.**, v.16, n.2, p.150-158 mar/abr. 2015. Disponível em <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/1863/pdf>>. acesso em 22 de ago. 2017.

OLIVEIRA, Layse Braz; NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira; MOURÃO, Luana Feitosa. Perfil sociodemográfico do discente do curso de graduação em enfermagem. **Rev Enferm UFPI**, v.4, n.1, p. 33-39. Jan/Mar. 2015. Disponível em <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/2328/pdf>>. acesso em 21 de Out. 2017.

PAIM, Jairnilson Silva. **A Reforma Sanitária e o CEBES**. Rio de Janeiro: CEBES, 2012.

PEITER, Caroline Cechinel; CAMINHA, Maria Eduarda Pereira; OLIVEIRA, Walter Ferreira. Perfil dos Gerentes da Atenção Primária: uma revisão integrativa. **Rev Saúde Pública do Paraná**, Londrina, v. 18, n. 1, p. 165-173, jul., 2017. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/espacoparasaude/article/view/27085/pdf>>. acesso em 02 de Fev. 2018.

PEREIRA, Karine Chaves et al. A construção de conhecimentos sobre prevenção de acidentes e primeiros socorros por parte do público leigo. **Rev. Enferm Centro Oeste Mineiro**, v. 5, n. 1, p.1478-1485, Jan/abr., 2015. Disponível em <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/456>>. acesso em 02 de fev. 2018.

SANTINI, Stela Maris Lopes et al. Dos ‘recursos humanos’ à gestão do trabalho: uma análise da literatura sobre o trabalho no SUS. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 537-559, Ago. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462017000200537&lng=en&nrm=iso>. acesso em 27 Jan. 2018.

SANTOS, Elitielle Orlez. Reunião de equipe: proposta de organização do processo de trabalho. **Rev Fund Care** [online], v. 9, n. 3, p. 606-613, Jul., 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2017.v9i3.606-613>>. acesso em 29 de Jan. 2018.

SILVA, Christian Luiz da; BASSI, Nadia Solange Schmidt. Planejamento estratégico e priorização de projetos em uma instituição pública de saúde: o caso da Fiocruz-PR. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 12, n. 1, p. 85 - 99, jan./jun. 2013. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/14240/9627>>. acesso em 21 de Jan 2018.

SILVA, Daniel Augusto da; MARCOLAN, João Fernando. Desemprego e sofrimento psíquico em enfermeiras. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília , v. 68, n. 5, p. 775-782, Out. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672015000500775&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 Fev. 2018.

SILVA, Rodrigo Marques da et al. Perfil de Estudantes de Enfermagem com Personalidade *Hardiness* ou Síndrome de *Burnout*. **Rev. enferm UFPE** [online]., Recife, v. 11, n. (Supl 4), p. 1606-1614, abr., 2017. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11823/14225>>. acesso em 12 de Jan. 2018.

SALES, Patrícia Regina de Souza; MARIN, Maria José Sanches; SILVA FILHO, Carlos Rodrigues da. Integração academia-serviço na formação de Enfermeiros em um hospital de ensino. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 675-693, Dez. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462015000300675&lng=en&nrm=iso>. acesso em 21 Out. 2017.

SANTOS, Cheila Matos; OLIVEIRA, Simone Maria Galvão. Estágio extracurricular como complemento das práticas em saúde na graduação. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 26, n. 2, p. 541-546, maio/ago. 2012. Disponível em <<https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/6284/6358>>. acesso em 23 Set.

SANTOS, Sueli Maria dos Reis et al. Licenciatura e bacharelado em enfermagem: experiências e expectativas de estudantes. **Rev. Gaúcha Enferm**, Porto Alegre , v. 32, n. 4, p. 711-718, Dez. 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472011000400011&lng=en&nrm=iso>. acesso em 23 Out. 2017.

SOUZA, Delvane José et al. Estágio curricular supervisionado sob a óptica dos enfermeiros supervisores. **Rev Enferm Atenção Saúde** [Online]., v 6, n.1, p.39-51, Jan/Jun. 2017. Disponível em <<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/1677/pdf>>. acesso em 14 de Out. 2017.

SOUZA E SOUZA Luiz Paulo et al. Os desafios do recém-graduado em Enfermagem no mundo do trabalho. **Rev Cubana Enfermer**, Ciudad de la Habana, v. 30, n. 1, p. 4-18, março 2015. Disponível em <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-03192014000100002&lng=es&nrm=iso>. acesso em 22 Out. 2017.

TRAJANO, Maria de Fátima Cordeiro. Relações interpessoais no centro cirúrgico sob a ótica da enfermagem: estudo exploratório. **Online braz j nurs [internet]**, v. 16, n. 1, p. 159-169, Mar., 2017. Disponível em <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/5530/pdf_2> acesso em 13 de Jan. 2018.

WINTERS, Joanara Rozane da Fontoura; DO PRADO, Marta Lenise; HEIDEMANN, Ivonete Teresinha Schülter Buss. A formação em enfermagem orientada aos princípios do Sistema Único de Saúde: percepção dos formandos. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 248-253, Junho 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000200248&lng=en&nrm=iso>. acesso em 23 de Set. 2017.

VITORINO, Diego Fernando Paiva; HERTEL Luiz Valdinéia; SIMÕES, Ivanira Anselmo Ribeiro. Percepção de moradores de uma cidade de minas gerais sobre o profissional de enfermagem do gênero masculino. **Rev. Min. Enferm. Reme** v. 16, n. 4, p.528-537, out./dez., 2012. Disponível em <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/558>>. acesso em 24 de Out. 2017.

XIMENES NETO, Francisco Rosemiro Guimarães et al. Perfil Sociodemográfico dos estudantes de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). **Enferm. Foco**, v. 8, n. 3, p. 75-79, 2017. Disponível em <<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1532/404>>. acesso em 22 de Jan 2018.

APÊNDICE A – APOSTILA DE PRIMEIROS-SOCORROS



Facilitadores: Profa. Hulda Alves e Alda Galdino; Rafael, Rosylange, Francisco e Pollyane.

INTRODUÇÃO:

É o atendimento imediato e provisório prestado a uma vítima em situação de acidente ou agravo. O objetivo principal é manter a vítima viva e protegida contra novos e maiores riscos enquanto aguarda o atendimento especializado.

PRINCÍPIOS:

Ser rápido, mas não precipitado; usar bom senso, sabendo reconhecer suas limitações; agir com calma e confiança – evitar o pânico; demonstrar tranquilidade, dando ao acidentado segurança; manter sua atenção voltada para a vítima e para a cena; Falar de modo claro e objetivo; aguardar a resposta da vítima; explicar o procedimento antes de executá-lo; responder honestamente as perguntas que a vítima fizer.

1 HEMORRAGIAS

É a perda de sangue através de ferimentos, pelas cavidades naturais como nariz, boca, entre outros. Podendo ser resultante de um traumatismo ou não. O socorrista deve avaliar a quantidade (volume) e a coloração do sangue perdido.

Ações: Compressão direta (curativo compressivo); torniquete.

- Epistaxe: perda de sangue pelo nariz. Ações: cabeça para trás; compressão direta; compressa gelada.

2 INSTABILIDADE: FRATURAS E LUXAÇÕES

2.1 FRATURA: Perda, total ou parcial, da continuidade de um osso.

Tipos de Fraturas: exposta (extremidade óssea se externaliza) ou fechada (não apresenta exposição da parte óssea, apenas sinais de deformidade, edema/inchaço, dor, mudança na coloração da pele e crepitação).

Ações: Imobilização das duas articulações próximas à fratura (a articulação distal e a proximal).

Atenção: se for fêmur imobilizar membro todo.

Nas fraturas em que a extremidade óssea aparecer (fratura exposta) ela deverá ser lavada e protegida com curativo limpo.

2.2 LUXAÇÕES: deslocamento de dois ou mais ossos com relação ao seu ponto de articulação normal

Ações: Imobilização das duas articulações próximas à fratura (a articulação distal e a proximal).

OBJETO EMPALADO

É quando o objeto utilizado no trauma penetrante (arma branca, ferro, cabos de madeira) fica alojado/preso no local do corpo.

Ações: nunca retirar o objeto; fixar o objeto para não se movimentar.

TRAUMA ABDOMINAL

Lesões abdominais não reconhecidas são uma das principais causas de morte nos pacientes traumatizados. As complicações e a morte podem decorrer de lesões de fígado, baço, cólon, intestino delgado, estômago, ou pâncreas, que não foram inicialmente detectados. A morte pode ocorrer precocemente por perda intensa de sangue.

EVISCERAÇÃO: saída dos órgãos da parede abdominal.

Ações: hidratação da região e proteção com pano limpo.

Atenção: Nunca tentar colocar os órgãos para dentro.

DESMAIO

O desmaio ou síncope é a perda súbita ou temporária de consciência.

- Sinais e sintomas: Palidez intensa; suor abundante (sudorese); pulso fraco e acelerado; respiração fraca e curta; vertigem, náuseas e escurecimento da visão.

- Ações: aja rapidamente para evitar uma queda; deixe a vítima deitada de costas e eleve suas pernas elevadas (posição de Trendelenburg).

-Se a vítima não perder a consciência: fazer a vítima sentar-se com os joelhos ligeiramente afastados e a cabeça entre os mesmos, se possível mais baixa; orientá-la para que respire profundamente, e para que force a elevação da cabeça enquanto o socorrista a pressiona levemente para baixo;

CRISE CONVULSIVA

É uma contração violenta, ou série de contrações dos músculos voluntários, com ou sem a perda da consciência.

Nenhum atendimento de primeiros socorros consegue interromper uma convulsão, mas você pode evitar complicações garantindo que a pessoa não se machuque nem se asfixie.

Ações: não impedir os movimentos convulsivos da vítima; pegue a pessoa, se for possível, quando esta cair e deite-a; retire qualquer mobília e todos os objetos (próteses dentárias, óculos, colares) duros ou pontiagudos que possam machucar a vítima; afrouxe roupas apertadas em torno do pescoço e da cintura; caso a vítima já ter cerrado os dentes, não tente abri-lhe a boca. Terminada a convulsão, vire a pessoa de lado para evitar que ela sufoque com a saliva, ou sangue proveniente de uma língua mordida ou vômito; certificar-se de que a vítima está respirando bem.

Atenção: não dê à vítima nenhuma medicação ou líquido pela boca, pois ela poderá sufocar. Encaminhá-la para receber assistência especializada.

ASFIXIA

Objeto estranho no sistema respiratório, obstruído a passagem de ar.

Sinais e Sintomas: incapacidade de falar; respiração difícil e barulhenta (ESTRIDOR); resto de sufocação (levando as mãos para a garganta); agitação e confusão; alteração da cor da pele (extremidades), passando a ficar azulada o que indica baixa oxigenação do sangue.

Ações: manobra de Heimlich

Se a pessoa não consegue mais ficar de pé (está inconsciente ou esgotada) ou se você não tem força suficiente, a manobra pode ser aplicada com ela sentada ou deitada.



Não importa se a pessoa está ficando sem reação, parecendo já estar desfaitecida. Inicie a manobra o quanto antes!

MANOBRA DE HEIMLICH EM BEBÊS

Caso haja alguma complicação, acione a emergência, ligando para 192 ou 193

- 01** Apoiar o bebê no braço, com a cabeça mais abaixo que o corpo, tendo o cuidado de manter a boca do bebê aberta.
- 02** Aplicar 5 batidas com o "calcanhar" da mão nas costas do bebê, na região entre as escápulas.
- 03** Virar o bebê com a barriga para cima, mantendo a inclinação original e a boca aberta, e iniciar 5 compressões no osso do peito da criança, logo abaixo da linha imaginária traçada entre os mamilos.
- 04** Repita esse ciclo até o bebê expelir o objeto.



PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA EM ADULTO

É a interrupção súbita e brusca da circulação e/ou da respiração (GÓIS et al., 2015).

É a ausência de atividade mecânica cardíaca, confirmada pela ausência de pulso detectável, ausência de responsividade e apneia ou ventilação agônica (AEHLERT, 2007).

Ações:

1. AVALIAÇÃO E SEGURANÇA DA CENA/LOCAL

- 1** • Certifique-se de que o local é seguro para você e para a vítima.
- 2** • Bater no ombro da vítima e gritar "Você está bem?".
- 3** • Verificar se a vítima está respirando. Se a vítima não estiver respirando ou apresentar respiração anormal, chame ajuda.

2. CHAMAR AJUDA + DEA

- Se estiver sozinho e encontrar uma vítima que não responde e nem respira, grite por ajuda;
- Se ninguém responder, acione o sistema de resposta de emergência/urgência, busque um DEA (desfibrilador), se disponível, e retorne a vítima para verificar o pulso e iniciar a RCP.



**COMPRIMA COM FORÇA (5cm a 6cm)
e com
RAPIDEZ (100 a 120/min)
Permita o retorno total do tórax**



ETAPA	AÇÃO
1	Posicione-se ao lado da vítima.
2	Verifique se a vítima está deitada com o rosto para cima, sobre uma superfície plana e firme.
3	Coloque o calcanhar de uma mão no centro do tórax da vítima, na metade inferior do esterno.

ETAPA	AÇÃO
4	Coloque o calcanhar da outra mão sobre a primeira mão.
5	Estique seus braços e posicione seus ombros diretamente sobre as mãos.
6	Comprima com força e rapidez (5-6cm e 100-120/min).
7	Ao final de cada compressão, permita o retorno total do tórax.
8	Minimize interrupções.



ANEXO A – QUESTIONÁRIO AUTOAPLICADO

1ª parte: Perfil

- 1 Qual o período que você está cursando? _____
- 2 Qual o seu sexo? () Masculino () Feminino
- 3 Qual a sua idade? _____ (anos)
- 4 Natural de Cidade _____ Estado _____

2ª parte: Impressões do sujeito com relação ao curso

5 Ao fazer a escolha do seu curso, você dispunha de informações suficientes a respeito do mesmo?

- () Sim () Não () Mais ou menos

6 O que *mais influenciou* na escolha do curso de Enfermagem? (*Marque apenas uma opção*)

- () A concorrência às vagas era menor
- () Oferece boa situação econômica
- () É fácil para obter emprego
- () Dá prestígio econômico- social- cultural
- () Permite conciliar profissão com interesse particular
- () Tenho afinidade profissional e pessoal com o mesmo
- () Influência familiar
- () Influência de amigos
- () Ser da área da saúde/biológica
- () Realização de um ideal
- () Outros (especificar qual ou quais)
-

7 O curso atende às suas expectativas?

- () Sim () Não () Em parte

8 Como você classifica o curso de Enfermagem em relação ao seu grau de satisfação pessoal?

- () Excelente/Ótimo () Bom () regular () Ruim () Péssimo

9 A *principal tarefa* da Enfermagem é: (*Marque apenas uma opção*)

- () Assistência ao paciente com doenças.
- () Prevenção das doenças e promoção da saúde.
- () Ser o elo entre a equipe médica e o paciente.

3ª parte: O processo ensino aprendizagem

10 Você conhece o Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem?

- () Sim () Não () Em parte

11 A Estácio FAL oferece ações de Extensão e Pesquisa. Em qual (is) destas ações você já participou?

Pesquisa Extensão Nenhuma

12 Quais atividades educativas são mais prazerosas no curso?

Aulas teóricas Aulas práticas GD Seminários Jornada

13 Marque com o X como considera o seu relacionamento, com:

Excelente/Ótimo/Bom/ Regular/ Ruim /Péssimo

Professores

Colegas

Funcionários

4ª parte: O mercado de trabalho em Enfermagem

14 Qual a sua expectativa de trabalho depois da graduação? (pode marcar mais de uma opção)

Setor público

Setor privado

Setor público e privado

Magistério

Administração dos serviços de saúde

Não pretendo exercer a profissão

Pesquisa

15 Você acha que o Curso de Enfermagem da Estácio FAL está capacitando para a inserção no atual mercado de trabalho? Sim Não Não sei

16 Na sua opinião o mercado de trabalho está propício aos futuros Enfermeiros assistenciais?

Sim Não Não sei

17 Onde você gostaria de exercer a profissão?

Na região do interior de Alagoas Maceió Grandes centros Não sei

Outro

18 Pretende especializar? sim não

Se sim, quanto tempo, em meses, depois de formado(a)?

Se sim, em qual (is) área(s)?

Justifique a escolha da área em que pretende especializar:

5ª parte: Saúde Coletiva (SUS, ESF)

19 Considerando o conhecimento adquirido no curso de Enfermagem, até o atual momento de sua formação acadêmica, quais das atividades abaixo você julga capaz de assumir?

Favor responder todas as atividades

Já sou capaz de Realizar Sim Não

Educação em saúde para grupos populacionais

Atividades assistenciais voltadas aos cuidados de pacientes da clínica médica e cirúrgica.

Levantamento epidemiológico de doenças

Reuniões administrativas com gestores, profissionais e usuários de saúde, para tratar de assuntos da saúde pública.

Atividades preventivas e de promoção em saúde juntamente com outros profissionais de outras áreas da saúde (atividades multiprofissionais)

Atividades coletivas de prevenção e de promoção da saúde

Supervisão da equipe de Enfermagem na saúde pública

Planejamento de ações em saúde pública visando melhorar o serviço.

20 Teve alguma experiência de ensino no SUS? () sim () não. Se sim, como classificaria esta experiência: () ótima () boa () regular () ruim () péssima

21 Você é favorável à proposta do curso de propiciar maior vivência à realidade do SUS? () sim () não

22 Você se sente preparado para atuar no SUS? () sim () não

23 Na sua opinião, as ações do SUS na Enfermagem são voltadas para:

() pessoas pobres e desfavorecidas

() população no geral

24 Se as disciplinas que envolvem o conteúdo da Saúde Coletiva (SUS, ESF) fosse optativas, você as faria? () sim () não

25 Quando você precisa de tratamento médico, procura preferencialmente:

() procura médico particular.

() procura médico do SUS.

Justifique sua resposta:

26 Após formado, você dedicaria 8 horas diárias ao serviço público? () sim () não

Por que?

“Agradecemos pela colaboração dispensada a este trabalho”

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DO CEP

SOCIEDADE DE ENSINO
SUPERIOR DE ALAGOAS S/C
LTDA/ FACULDADE DE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Percepção dos acadêmicos de Enfermagem quanto a formação profissional, Sistema Único de Saúde e Mercado de Trabalho.

Pesquisador: Hulda Alves de Araújo Tenório

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 46912515.4.0000.5012

Instituição Proponente: IREP SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR, MEDIO E FUNDAMENTAL LTDA.

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.380.775

Apresentação do Projeto:

O projeto é apresentado como transversal, descritivo, de abordagem quantitativa e qualitativa, onde será realizada entrevista semiestruturada usando um questionário auto aplicado, já validado. O estudo será desenvolvido com discentes dos dez períodos que compõem o Curso de Graduação em Enfermagem, maiores de 17 anos

Objetivo da Pesquisa:

Objetivos Geral: Analisar a percepção dos acadêmicos do curso de graduação em Enfermagem da Estácio FAL, com relação à sua formação profissional, Sistema Único de Saúde e Mercado de Trabalho. ADEQUADA

Objetivos Específicos:

- Identificar o perfil dos estudantes quanto ao sexo, idade, período e naturalidade.
- Analisar a percepção dos estudantes quanto ao mercado de trabalho.
- Analisar a percepção dos estudantes quanto ao Sistema Único de Saúde.
- Relacionar as percepções dos acadêmicos aos diferentes períodos de graduação.
- Relacionar as percepções dos acadêmicos ao gênero.
- Relacionar as percepções dos acadêmicos ao Projeto Político Pedagógico do curso de Enfermagem

Endereço: Rua Pio XII, 355

Bairro: Jatiúca

CEP: 57.035-560

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-6800

Fax: (82)3214-6828

E-mail: comite_etica_fal@hotmail.com

**SOCIEDADE DE ENSINO
SUPERIOR DE ALAGOAS S/C
LTDA/ FACULDADE DE**



Continuação do Parecer: 1.300.775

da Estácio FAL, às Diretrizes Curriculares Nacionais e princípios do SUS (universalidade, equidade e Integralidade).

ADEQUADO

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Apresentam as informações necessárias para parecer favorável.

ADEQUADOS

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto apresentado tem relevância científica e educacional. Ele está descrito de forma clara e objetiva. Todas as recomendações, e pendências listadas foram atendidas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos estão de acordo com a resolução 466/12.

ADEQUADOS

Recomendações:

Recomenda-se que o projeto apresentado na plataforma deve conter as mesmas informações que o projeto detalhado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as recomendações, e pendências listadas foram atendidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE INFORMACOES BÁSICAS DO PROJETO_541867.pdf	06/11/2015 01:35:09		Acelto
Outros	CCE05112015_00000.jpg	06/11/2015 01:34:36	Hilda Alves de Araújo Tenório	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCEP2.docx	06/11/2015 01:30:52	Hilda Alves de Araújo Tenório	Acelto
Folha de Rosto	Documento.pdf	23/06/2015 15:07:38		Acelto

Endereço: Rua Pio XII, 355

Bairro: Jatiúca

CEP: 57.035-560

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-8800

Fax: (82)3214-8828

E-mail: comite_etica_fal@hotmail.com

SOCIEDADE DE ENSINO
SUPERIOR DE ALAGOAS S/C
LTDA/ FACULDADE DE



Continuação do Parecer: 1.300.775

Outros	declaração de matrícula.pdf	23/06/2015 11:13:29		Aceito
Outros	CCE22062015_00004.jpg	23/06/2015 11:12:10		Aceito
Outros	CCE22062015_00003.jpg	23/06/2015 11:11:36		Aceito
Outros	CCE22062015_00001.jpg	23/06/2015 11:08:34		Aceito
Outros	CCE22062015_00000.jpg	23/06/2015 11:07:56		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle mestrado ok.pdf	23/06/2015 10:42:44		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACEIO, 23 de Dezembro de 2015

Assinado por:
Ana Larissa Costa de Oliveira
(Coordenador)

Endereço: Rua Pio XII, 365

Bairro: Jatiúca

CEP: 57.035-560

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-8800

Fax: (82)3214-8828

E-mail: comite_edca_fai@hotmail.com